

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE EDUCAÇÃO E HUMANIDADES
FACULDADE DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

Nelceli Costa Dantas de Oliveira

Alunos Trabalhadores no Curso de Pedagogia

São Gonçalo
Junho
2010

Nelceli Costa Dantas de Oliveira

Alunos Trabalhadores no Curso de Pedagogia

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Jacqueline de Fátima dos Santos Morais

São Gonçalo
Junho
2010

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/CEH/D

O48 Oliveira, Nelceli Costa Dantas de
Alunos trabalhadores no curso de pedagogia / Nelceli Costa Dantas de Oliveira. –
2010.
81 f.

Orientadora : Profª Dª Jacqueline de Fátima dos Santos Marais.
Monografia (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade do Estado do Rio de
Janeiro, Faculdade de Formação de Professores.

1. Educação. 2. Educação e trabalho. I. Marais, Jacqueline de Fátima dos Santos.
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Formação de Professores,
Departamento de Educação.

CDU 37

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial
desta obra.

Assinatura

Nelceli Costa Dantas de Oliveira

Data

Alunos Trabalhadores no Curso de Pedagogia

Monografia apresentada à Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Graduada em Pedagogia.

Aprovada em: _____

Jacqueline de Fátima dos Santos Morais (Orientadora)

Mairce da Silva Araújo (Parecerista)
Faculdade de Formação de Professores da UERJ

São Gonçalo
Junho

2010

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia, a Deus, que sempre esteve comigo em todos os momentos, a minha filha que foi a pessoa que mais me incentivou a continuar e sempre acreditou que eu conseguiria, a meu cônjuge que sofreu com minhas ausências e frustrações, e a meus pais que me deram a chance de nascer.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela minha fé e perseverança, a minha família pelo apoio, aos amigos que direta ou indiretamente colaboraram com minha pesquisa, e principalmente a minha orientadora Prof^a.Doutora Jacqueline de Fátima dos Santos Moraes, pela paciência dedicação e apoio que sempre me dedicou.

“Aos pedagogos e estudantes de pedagogia que, contra a maré montante de tantas profissões glamurosas, não perderam o fascínio por este que é o mais apaixonante dos ofícios: produzir a humanidade no homem”.

(SAVIANE)

RESUMO

Esta monografia realiza um estudo sobre as dificuldades encontradas por alunos trabalhadores do curso de pedagogia em conciliar trabalho, vida acadêmica e vida familiar. Busco relatar através de entrevistas as principais questões envolvidas nessa temática que ainda é pouco explorada no mundo acadêmico.

Palavras chaves: Alunos trabalhadores; pedagogia; universidade.

Sumário

Introdução.....	6
CAPÍTULO I	
Um breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil.....	19
CAPITULO II	
Apresentação do Locus da Pesquisa.....	23
CAPÍTULO III	
Apresentação dos entrevistados.....	27
CAPITULO IV	
Análise das respostas dos entrevistados.....	30
Conclusão.....	46
Referências Bibliográficas.....	48
Anexos.....	50

Introdução

Memorial

MINHA EXPERIÊNCIA DE VIDA.

Nelceli Costa Dantas de Oliveira

“É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece, e ao passar-nos forma e nos transforma...”.
(Jorge Larrosa)

Uma pessoa é tudo aquilo que a toca, que faz sentido, por isso quero escrever algumas lembranças da minha vida escolar. Aqui vou relatar algumas alegrias, tristezas, fraquezas, frustrações, dúvidas, inquietações, momentos difíceis e vitoriosos também.

Escrever um memorial é resgatar experiências que ficam esquecidas dentro de nós mesmos e que de alguma maneira nos constitui como seres históricos. Segundo o dicionário Aurélio a palavra memorial significa: *escrito que relata fatos, memórias*. Para mim este conceito tirado do dicionário não dá conta de compreender o que é um texto memorialístico. É preciso ampliar esse conceito, trazendo ao diálogo autores que pesquisam e escrevem sobre memorial. Entre deles estão Toledo e Soligo (2005), que sabiamente define memorial como sendo, a escrita de memórias e significa momento ou escrito que relata acontecimentos memoráveis. Estes autores afirmam que:

O memorial não é somente uma crítica que, forçosamente, avalia as ações, idéias, impressões, e conhecimento do sujeito narrador; é também crítico da ação daquele que narra, seja como autor do texto ou como sujeito da lembrança. Portanto, tem muito a ver com as condições, situações e contingências que envolveram a ação do narrador, protagonista das memórias. Além de ser crítico e autocrítico, é também um pouco confessional, apresentando paixões, emoções, sentimentos inscritos na memória. (p.53)

Concordo com esse conceito, pois o autor descreve acima algumas das emoções que senti durante a composição do meu memorial. Esses mesmos autores dizem que, “Um memorial de é, acima de tudo, um modo de narrar nossa história por escrito para preservá-la do esquecimento. É o lugar de contar uma história nunca contada até então – a da experiência vivida por cada um de nós” (Toledo e Soligo, 2005, p.54).

Acredito que escrever um memorial é um divisor de águas na formação universitária, pois relatamos questões que de outra maneira ficariam guardadas dentro de nós e talvez se perderiam com o tempo. Relatar minhas memórias é também uma forma de preservá-las.

Percebo que à medida que vou escrevendo, minhas memórias vão surgindo, e acabo entendendo várias situações vividas, que antes de escrever eu não compreendia, estavam adormecidas dentro de mim.

Segundo Chauí (2000) “a memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)”. Dentro deste contexto, Toledo e Soligo ressaltam que:

Ao recordar, passamos a refletir sobre como compreendemos nossa própria história e a dos que nos cercam. Vamos nos inscrevendo numa história que não está mais distante e, sim, impregnada das memórias que nos tomam e da qual muitos outros fazem parte. (2005, p.53)

De alguma maneira quando recordamos damos sentido as lembranças, por exemplo, ao recordar meu primeiro dia de aula, acabei lembrando como foi difícil me encaixar nos padrões estabelecidos pela escola, e principalmente refletir sobre como esta questão perdura até os dias de hoje. Quando minha filha foi para escola ela chorou durante uma semana incessantemente, e a instituição escolar tratava isso com a maior naturalidade, um comportamento simplesmente normal.

Algumas escolas continuam entendendo que é a acriança quem tem que se enquadrar a suas regras. Ruth Rocha define isso muito bem em seu livro Este Admirável Mundo Louco. Fazendo parte do livro, encontramos três histórias. Uma delas chama-se “Quando a Escola é de Vidro”. A autora escreve nesta parte do livro que “cada menino ou menina tinha um vidro e o vidro não dependia do tamanho de cada um, não! (...) Aliás, nunca ninguém se preocupou em saber se a gente cabia nos vidros. E pra falar a verdade ninguém cabia direito” (Rocha, 2005).

É exatamente isso que algumas escolas fazem com as crianças, pois partem do princípio que as crianças vão esquecer tudo que aprenderam até então e só o que vão aprender na escola é o que vale. Tentam expropriá-las de suas particularidades e domesticá-las, quando encontram resistências, culpam apenas as crianças de seus insucessos.

Respeito ao aluno é elemento fundamental a ser obedecido se se quer formar uma geração com capacidade simultânea de sonhar e de executar, uma geração que imagine utopias e lute para a concretização delas; que se imponha metas e não tenha medo de tentar atingi-las, em qualquer idade(CHALITA,2004 P.137).

Fica bem claro nas palavras de Chalita que é fundamental respeitar a capacidade dos educandos, sua autonomia e seus conhecimentos empíricos, assim teremos uma escola com capacidade de acolher e desenvolver o aluno pesquisador e crítico que tanto sonhamos.

Nós, professores, temos que argumentar a favor da participação do aluno no ensino, vejo que em muitas escolas já acontecem mudanças. Por exemplo, no Ciep no qual fiz estágio, pude perceber que as professoras organizam um trabalho que busca o desenvolvimento da criança a partir dos conhecimentos que elas trazem. Pude presenciar algumas atividades feitas em turmas de 1º ano de escolaridade. Uma delas foi a partir de um passeio a Fábrica de Biscoito Polvilho. A professora colocou na lousa uma letra e pedia aos alunos que dissessem palavras que começavam com aquela letra. Mesmo que os alunos falassem uma palavra que não tivessem visto durante o passeio, a professora aceitava. Achei interessante porque a professora levava em consideração o conhecimento da criança, mesmo que não fosse o esperado como resposta certa.

Freire diz que:

É imprescindível, portanto que a escola instigue constantemente a curiosidade do educando em vez de “amaciá-la” ou “domesticá-la” (...) é preciso por outro lado e, sobretudo, que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência do mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor. (Freire, 1996.p.124)

A experiência que vivi neste estágio me fez pensar que a criança tem muito a contribuir no processo de ensino aprendizagem e que Freire, em seu texto, ressalta a necessidade de estarmos constantemente instigando nossos alunos a participar ativamente como sujeito de sua aprendizagem.

Esse convite de Freire me faz pensar minha própria trajetória de vida que passarei aqui a narrar.

Sou fruto do “milagre econômico”, apesar de meu nascimento não ter sido planejado. Nasci em 24 de março de 1974. Na verdade, o milagre econômico que foi uma época em que houve um crescimento econômico acima do normal, e gerou uma riqueza apenas aparente. O povo acreditava em um crescimento e prosperidade muito grande. O período que gerou essa “riqueza” foi de 1968 a 1973, mas quando ele acabou eu já estava prontinha para nascer.

Meu primeiro contato com a escola foi aos sete anos, quando fui estudar em uma escola perto de minha casa, da qual não me lembro o nome (se é que tinha). Lembro-me apenas que todos se referiam à escola pelo nome da professora, que também era a dona da escola. Chamavam de “escola da dona Líbia”. Ficava na cidade de São Gonçalo, no bairro Pacheco.

No primeiro dia de aula não sei quem estava mais nervosa, se eu ou minha mãe. Ela via em mim a possibilidade de realizar seu sonho. Minha mãe não teve acesso à escola e mesmo com todas as dificuldades fez questão de me colocar em uma. Levou-me para o colégio toda orgulhosa e lá me deixou, pois tinha que voltar para casa e cuidar de meus irmãos menores que não estavam em idade escolar. Ela nunca imaginou como foi difícil ficar ali, naquele lugar desconhecido. Estava cercada de crianças que eu não conhecia e que choravam. Suas mães estavam lá para consolá-las, enquanto eu prendia o choro. Estava sozinha em um espaço que não era meu.

A professora com uma lista de nomes nas mãos ia chamando um a um pelo nome, mandando formar do menor para o maior. Não entendia nada, mas imitei os outros alunos.

Dentro da sala, a organização era impecável: todos enfileirados, um quadro negro, apagador e giz. Dois objetos na mesa da professora chamaram minha atenção, uma pedra de mármore redonda e uma tábua cravejada de pregos. Fiquei imaginando qual seria a função daqueles objetos.

As horas passaram muito rapidamente e logo chegou à hora da saída. Minha mãe estava lá à minha espera, ansiosa para saber as novidades. Contei tudo, inclusive que eu não chorei. Hoje entendo que “a família é essencial para que a criança ganhe confiança, para que se sinta valorizada, para que se sinta assistida” (CHALITA, 2004, P.26).

Com o passar dos dias fui me acostumando com a escola e suas regras. Descobri a função dos objetos que tanto aguçaram minha curiosidade: a pedra de mármore redonda servia para avisar aos outros alunos que o banheiro, que ficava no quintal, estava ocupado. Cada aluno que fosse ao banheiro, deveria levar a pedra consigo. Ao retornar, deveria deixar a pedra em seu lugar para que os outros alunos entendessem que estava livre ou ocupado, evitando, assim, que mais de um aluno fosse ao banheiro ao mesmo tempo.

Um dia, logo depois do lanche, eu senti vontade ir ao banheiro. Quando procurei com o olhar sobre a mesa da professora a pedra que indicava se o banheiro estava livre ou ocupado, não estava lá. Fiquei ansiosa e a vontade só aumentava. Pensei em perguntar a professora sobre a ausência da pedra, mas tive medo de ser punida por ela.

Essa situação me lembra a denúncia feita por Luckesi, quando este diz que:

O medo é um fator importante no processo de controle social. Internalizado, é um excelente freio às ações que são supostamente indesejáveis. Daí, o Estado, a Igreja, a família e a escola utilizarem-se dele de forma exacerbada. O medo gera a submissão forçada e habituada à criança e o jovem a viverem sob sua égide.
(Luckesi, 2006, p.24)

Eu tinha medo da escola e da professora e esse medo, como diz Luckesi, foi um poderoso freio para mim. Com medo e submissa, naquele momento não desenvolvi toda a minha potencialidade. Para buscar o conhecimento é preciso não ter medo de errar.

Lembro de ouvir, nesta situação acima descrita, a professora logo gritar: não quero ouvir nenhuma conversa, fiquem quietos e de cabeça baixa, caso contrário ninguém vai embora hoje. Dei a última olhada sobre a mesa e baixei minha cabeça. Só senti quando o xixi escorreu perna a baixo e as lágrimas também rolarem com a mesma velocidade que a urina. Fiquei ali, na mesma posição. O sinal tocou, todos foram embora e eu continuava no mesmo lugar. Foi quando a professora percebeu que algo de errado estava acontecendo, e perguntou: porque você continua aí sentada? Não quer ir para casa? Antes que eu respondesse, ela pode ver a poça que se formou embaixo da minha cadeira. Ela, então, perguntou: Por que você não foi ao banheiro? E com muita dificuldade (pois estava engasgada com o choro) respondi: *Estava esperando desocupar. A pedra não estava sobre a mesa.*

E a professora sorriu (raramente ela sorria) e falou: A pedra sumiu! Hoje não tem pedra. Essa situação me causou um bloqueio emocional, social e intelectual muito grande, pois aumentou ainda mais minha timidez e por varias vezes perdi oportunidades em minha

vida, pois não conseguia me expressar claramente, sempre recuava diante das tomadas de decisões.

A Faculdade e suas dinâmicas me ajudaram a superar bastante esse trauma. Hoje como educadora sou totalmente contra esse tipo opressivo de educação.

Outra situação que agora rememoro neste memorial é a da tábua cravejada de pregos. Posso perfeitamente descrever com riqueza de detalhes esse objeto tão vivo em minha memória, era uma tábua com mais ou menos cinco centímetros de espessura, forma retangular com meio metro de comprimento, cor escura e cravejada de pregos longos e enferrujados pelo tempo. Este objeto era usado pela professora para castigar fisicamente e moralmente os alunos considerados por ela “indisciplinados”.

A professora não se cansava de nos aterrorizar dizendo: quem fizer bagunça vai ficar de joelhos na tábua de pregos até os joelhos sangrarem. Vou dar mil palmadas em cada mão. Várias crianças ficavam de castigo com o rosto encostado no quadro ou de joelhos em caroços de milhos ou feijão. A professora também puxava a orelha dos alunos, mas não me lembro de ter visto ninguém de joelhos na tábua de pregos. Lembro-me que a professora batia nas mãos das crianças com uma régua enorme. Luckesi novamente me ajuda a compreender essa situação quando diz que:

No passado, em nossa prática escolar, castigava-se fisicamente (...) era comum um professor utilizar-se da régua escolar para bater num aluno que não respondesse com adequação às suas perguntas sobre uma lição qualquer (...) esta mesma prática era efetivada por meio da palmatória, instrumento de castigo com o qual o professor batia na palma da mão dos alunos. A quantidade de “palmadas” dependia do juízo desse professor sobre a possível “gravidade” do erro. O castigo físico noutras vezes dava-se pela prática de colocar o aluno de “joelhos” sobre grãos de milho ou feijão “(Luckesi, 2006, p. 48-49)”.

Acredito que esta forma de “educar” tendo como base o castigo, não contribui na formação e no desenvolvimento das capacidades e habilidades da criança, visto que a educação era imposta sem qualquer afetividade, que, para mim, é um fator fundamental para o desenvolvimento da criança. Aprendi com essa experiência que a imposição de uma única regra limita o indivíduo e o priva do prazer de aprender “o sabor do saber”.

Aos nove anos fui matriculada em uma escola que se chamava “Escola Estadual Eliza Maria Dutra”. No primeiro dia de aula fui submetida a um teste, que só soube que era de

nivelamento quando a pessoa que aplicou o teste, que não sei se era professora ou exercia outra função na escola, me mandou ir para a sala da segunda série. O teste funcionava da seguinte maneira: todos os alunos novos eram colocados em uma sala, e uma pessoa que aplicava o teste escrevia algumas frases no quadro e pedia que os alunos lessem. Ela decidia a partir da leitura, a série na qual a criança deveria estudar.

Os alunos mais tímidos como eu, eram prejudicados, pois ficavam com vergonha de ler na frente de várias pessoas estranhas. E com isso o teste de nivelamento não atingia sua real função..

Estudei até a quarta série nessa escola e tive que ir para outra, pois essa só atendia da Alfa até a quarta série.

Fui transferida para a Escola Estadual Augusto Cezário Diáz André, que atendia o ensino de 5^a à 8^a série, do então primeiro grau. Terminei essa etapa da escolaridade nesta escola.

Neste momento de vida era muito importante que eu trabalhasse, pois meu pai estava doente e minha mãe, sozinha, não dava conta das despesas. Como filha mais velha abandonei os estudos e fui trabalhar em uma fábrica de madeira onde, mesmo sendo menor de idade, trabalhava em tempo integral. Hoje eu sei que:

O trabalho infantil no Brasil ainda é um grande problema social. Milhares de crianças ainda deixam de ir à escola e ter seus direitos preservados, e trabalham desde a mais tenra idade na lavoura, campo, fábrica ou casas de família, muitos deles sem receber remuneração alguma. Hoje em dia, em torno de 4,8 milhões de crianças e adolescentes entre 5 e 17 anos estão trabalhando no Brasil, segundo PNAD 2007. Desse total, 1,2 milhões estão na faixa entre milhão estão na faixa entre candidatas ao abandono escolar e conseqüentemente ao despreparo para o mercado de trabalho, tendo que aceitar sub-empregos e assim continuarem alimentando o ciclo de pobreza no Brasil. (ZEVALLOS, 2010, p.450)

Mesmo a nossa constituição sendo clara ao declarar que o trabalho infantil para menores de 16 anos é proibido, exceto na condição de aprendiz, ainda encontramos muitas empresas que não respeitam essa lei e exploram o trabalho infantil.

A fábrica na qual eu trabalhava produzia todo tipo de utensílios de madeira. Seis meses depois que eu estava trabalhando meu pai faleceu e minha responsabilidade dobrou. Trabalhei nesta empresa por três anos. Casei-me e decidi sair do emprego que tanto me

oprimia. Três meses depois fui chamada para um emprego que me oferecia melhores condições.

No primeiro mês nesta empresa descobri que lá havia um núcleo de educação à distância. Logo me matriculei e comecei a estudar por módulos. Funcionava da seguinte maneira: o empregado se matriculava com a devida documentação e escolhia qual matéria queria fazer. Cada matéria tinha uma quantidade de módulos (livros) a serem cumpridos. Os materiais eram gratuitos e o núcleo tinha professores de português/inglês, matemática, química e física, disponíveis para tirar dúvidas. As provas eram aplicadas ao fim de cada módulo. Depois se iniciava outra matéria quando terminava a anterior.

Outra vez levei um golpe do destino: estava grávida. O fato de estar grávida sem planejar não quer dizer que eu tenha rejeitado minha gravidez, pelo contrário. Acredito que nada acontece na nossa vida por acaso: se acontece é com a permissão de Deus. Minha filha é o melhor presente que Deus me deu. É quem me dá forças para continuar. Terminei o segundo grau (atual ensino médio) com direito a formatura e tudo. Continuei trabalhando. Tinha um objetivo: voltar a estudar e ter uma profissão.

Quando minha filha completou sete anos me matriculei em um pré-vestibular. Fazia aula somente aos sábados e domingos, dias em que meu esposo ficava em casa e cuidava da minha filha. Sem o apoio dele eu não teria conseguido.

Entrei em acordo com meu supervisor e aos sábados trabalhava à noite. Durante dois anos não tive finais de semana, pois ia estudar. Meu esforço foi compensado quando em 2006 fui aprovada no vestibular da UERJ, uma faculdade pública como eu sempre sonhei. Foi uma emoção tão grande que só de lembrar me emociono.

No início pensei que todos os meus problemas estavam resolvidos, e que logo arrumaria emprego em minha área (Pedagogia) ou quem sabe ganharia uma bolsa auxílio. Logo descobri que as bolsas, além de serem muito concorridas, não dariam nem para cobrir minhas passagens. Além disso, um emprego em uma escola ou exigia muita experiência, ou a remuneração era menor do que o meu salário como auxiliar de produção.

Como minhas expectativas não se tornaram realidade, tive que continuar no mesmo emprego.

A Faculdade acaba excluindo os alunos trabalhadores da mesma maneira que as escolas excluem os alunos das classes populares. O aluno trabalhador tem que se encaixar nos moldes da instituição, da mesma maneira que os alunos das classes populares têm que se encaixar nos padrões da escola, sem qualquer questionamento a respeito do tipo de aluno que estão recebendo. O ciclo de exclusão continua existindo e impedindo a quebra dos padrões incutidos pela elite.

Estava cursando o oitavo período e ainda não havia podido fazer sequer uma matéria eletiva, obrigatória para minha formação. As disciplinas obrigatórias são dispostas no mesmo horário que as disciplinas eletivas. A opção, fazer as eletivas em horário diferente do horário das aulas é impossível, se estivermos falando de alunos trabalhadores, que precisam se dividir entre estudo e trabalho. É uma coisa ou outra! Quem precisa trabalhar e o emprego não permite flexibilidade de horário, é obrigado a cursar pelo menos mais um período para concluir a graduação.

Outro problema que observava era o fato da Faculdade de Formação de Professores não oferecer até 2009 o curso de Pedagogia no horário da noite, dificultando ainda mais a permanência e acesso dos alunos que cursavam e dos alunos que pretendiam cursar Pedagogia, mas eram trabalhadores. Até na hora de escolher um curso os alunos trabalhadores são excluídos, pois têm freqüentemente que optar por um curso que aconteça em horário parcial, deixando assim de concorrer com a elite por um curso de “maior ascensão social” como medicina, direito, que exige horário integral.

Nem sempre é possível encontrar trabalho em horário parcial. Em horário integral já é difícil! O triste é saber e concordar com Alves quando esse diz que “em uma sociedade excludente tornou-se um privilégio, ainda que perverso, ter garantido um emprego, sinônimo de exploração”. (ALVES, 1996.p.18). Apesar dessa difícil realidade apontada por Alves, não devemos ver o trabalho apenas como exploração, pois o mesmo deve ser gratificante, como nos descreve Chalita :

O trabalho e a dignidade andam de braços dados, inseparáveis (...). O trabalho é dignificante, mas não pode ser escravizador. É preciso ter sempre a precaução contra os males advindos da fadiga (...) o trabalho em si deve ser prazeroso. O homem certamente nasceu para o trabalho, que lhe é indispensável como meio de subsistência e como meta para concretizar seus planos. (CHALITA, 2004, p.52).

Sendo assim não podemos encarar o trabalho apenas com meio de subsistência, pois ele também é uma forma do ser humano se realizar profissionalmente e intelectualmente. Em um país onde a distribuição de renda é tão desigual, cada vez mais as pessoas das classes populares são obrigadas a trabalhar mais cedo e acabam tendo que conciliar trabalho e estudo, como foi o meu caso.

Algumas empresas fazem o funcionário se sentir completamente dependente delas, e com isso não investe em seu bem estar. Isso faz com que o funcionário trabalhe desmotivado, com baixa estima, sem perspectivas de mudança, seguindo apenas a mesma rotina, que com o tempo, não lhe dá prazer. Em seu livro, Chalita cita que:

Perde-se a oportunidade de ter prazer, de produzir com convicção, de acordar, como fazem os amantes da vida, com disposição para recomeçar. Os desafios estão postos para que o ser humano nunca se canse do que faz. (CHALITA, 2004, p.56)

A maioria dos trabalhadores perde o prazer em realizar seu trabalho e não consegue se realizar profissionalmente, porque o sistema capitalista com sua lógica de acumulação, onde as pessoas valem pelo que possuem e não pelo que são, explora a força de trabalho dos indivíduos.

A cada dia, mais pessoas são exploradas por uma pequena elite, que não cede nem um milímetro para dar oportunidade aos outros menos privilegiados. A educação ainda é o melhor caminho para as pessoas que querem ter uma ascensão social e intelectual. “Hoje, mais do que nunca, não se pode parar de estudar de se aprimorar” (CHALITA, 2004).

Nós alunos trabalhadores muitas vezes contamos com a compreensão dos professores que fazem o que podem para nos ajudar. O fato é que vivemos em uma instituição de ensino e pesquisa, discutimos sobre tantas teorias e não conseguimos enxergar uma situação tão presente em nossos dias. Até quando vamos ficar inertes a essa situação? Se a faculdade é pública deveria ser mais questionadora a esse respeito, visto que não é um caso isolado e não podemos continuar agindo como se todo universitário fosse oriundo das classes médias e privilegiadas.

As classes populares também estão conquistando seu espaço no mundo letrado, e não podemos nos manter indiferente a isso, principalmente dentro de uma universidade onde todos os assuntos têm espaço nas discussões e reflexões. Uma pesquisa realizada pela Revista ensino superior.

O graduando brasileiro é mais velho do que a faixa etária ideal e se divide entre o estudo e o trabalho. O perfil do aluno que chega ao ensino superior no Brasil ainda reflete a demanda reprimida que o país não foi capaz de atender durante alguns anos. O estudante universitário brasileiro é mais velho que a faixa etária ideal de 18 a 24 anos, trabalha e tem renda mensal de até dez salários mínimos (2008, p.50).

O universitário da classe popular precisa trabalhar para manter suas despesas com a faculdade e despesas pessoais também. Esta mesma pesquisa revela também que:

Segundo dados do Inep, o aumento de 61,9% no número de ingresso entre 2000 e 2006 se deveu, principalmente, à faixa etária dos 25 aos 29 anos, eram 18,7% do total. Os ingressantes da considerada faixa adulta, acima dos 25 anos, passaram de 35,81% no ano 2000 para 39,73% em 2006. Para o coordenador adjunto da Comissão de Vestibulares da Universidade Estadual de Campina (Unicamp), Renato Pedrosa, a tendência deve se manter por pelo menos dez anos. “Essa mudança tem um pouco a ver com o crescimento registrado desde a década de 90”. A maioria dos alunos primeiro trabalha para depois procurar o ensino superior. (Revista Ensino Superior)

Estes dados revelam a realidade dos estudantes brasileiros que primeiro trabalham para ter condições financeiras de concluir os estudos. A pesquisa revela ainda uma questão de ordem sócio econômica presente na vida dos universitários que são obrigados a “retarda a entrada no sistema porque foram para o mercado de trabalho, quando voltam a estudar, os novos alunos não largam o emprego (...) tanto dos que entram como dos que concluem o ensino superior trabalham ou já trabalharam em tempo integral...” (Revista Ensino Superior, 16/05/08).

O emprego é fundamental para a permanência dos alunos na Faculdade, visto que “... o trabalho é indispensável como o meio de subsistência e como meta para concretizar seus planos” (CHALITA, 2004, p.52). O aluno vê no trabalho a única possibilidade de conseguir concluir o ensino superior e realizar seu sonho de fazer parte do mundo acadêmico.

Dar conta da faculdade, do trabalho, da família é muito difícil. São muitas atribuições, é um desgaste físico e mental muito grande. Contamos com ajuda de Deus e da família, que muitas vezes não entende a nossa ausência, para tentar dar conta e ter uma boa formação.

Dentro desse contexto quero que minha experiência, que segundo Larrosa (2001) é o que toca, faz sentido e transforma, contribua para a reflexão sobre um tema pouco explorado

no mundo acadêmico: os estudantes trabalhadores. Com isso espero que possam ser adotadas novas reflexões, possibilidades de acolhimento, acesso e permanência dos alunos trabalhadores, “assim como eu”. Entendo que muitas vezes a realidade em que vivemos nos faz questionar, o porquê de tanta insatisfação e com isso temos a sensação de impotência diante do mundo.

Mesmo tendo de enfrentar tantas adversidades em minha trajetória, a formação acadêmica oferecida na Faculdade de Formação de Professores da UERJ me fez crescer intelectualmente e desenvolver habilidades que eu não imaginava ter. Nos quatro anos de formação adquiri conhecimentos que utilizo em meu cotidiano. As reflexões, os seminários as conversas informais entre uma aula e outra, me constituíram enquanto ser social em constante transformação. Freire com muita propriedade nos diz que:

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença no mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas objeto, mas sujeito também da História (Freire, 2007, p.54).

Freire explicita que não basta perceber-se no mundo é preciso de fato se deixar afetar por ele, só assim os obstáculos e desafios contribuirão para o crescimento do sujeito, que voa cada vez mais alto em busca de seus ideais, sejam pessoais ou intelectuais.

Inserir-me no mundo é ser protagonista de minha própria história, é acima de tudo ser capaz de refletir sobre minhas próprias ações. É não desistir diante das dificuldades encontradas. Persistir, mesmo que seja a “contrapelo”, nas situações e ter um objetivo vivo de construir uma história de vida feliz.

Pretendo com essa pesquisa destacar as dificuldades encontradas pelos alunos trabalhadores do curso de Pedagogia, mesmo esse tema não sendo muito discutido, tento trazer o tema para uma discussão, visto que, não podemos rejeitar a situação vivida por uma parcela significativa de estudantes da UERJ / FFP.

Para isso, no 1º capítulo desta monografia apresento um breve histórico do Curso de Pedagogia no Brasil, visto que o mesmo merece destaque por ser o ponto de partida desta pesquisa. No 2º capítulo apresento o lócus da Pesquisa, sem o qual não poderia ter acesso a tais questões. Já no 3º capítulo apresento os entrevistados que colaboraram com a pesquisa e

não tiveram medo de expor as dificuldades que encontram para concluírem o curso, no 4º capítulo segue uma breve análise das respostas dos entrevistados, e no 5º capítulo uma breve conclusão da referida pesquisa.

Capítulo I

Um breve Histórico do Curso de Pedagogia no Brasil.

A história do curso de pedagogia no Brasil é atravessada por várias concepções que foram se definindo de acordo com o desenvolvimento humano, ou seja:

o curso de Pedagogia, ao longo de sua história, teve definido como seu objeto de estudo e finalidade precípuos os processos educativos em escolas e em outros ambientes, sobremaneira a educação de crianças nos anos iniciais de escolarização, além da gestão educacional. Merece ser salientado que, nas primeiras propostas para esse curso, a ele se atribuiu o “estudo da forma de ensinar”. Regulamentado pela primeira vez, nos termos do Decreto-Lei nº1. 190/1939, foi definido como lugar de formação de “técnicos em educação”. (Saviani. 2008, p.219).

Observando a citação acima, podemos perceber que o curso de Pedagogia desde sua criação buscou atender aos processos educativos que ocorrem nos ambientes escolares e não escolares também. Este curso tem como finalidade a educação de crianças, que naquele momento só era realizada por professoras do curso normal sem formação superior, mas com muita experiência no magistério. A formação técnica que priorizava a forma de ensinar que era atribuída ao curso, surge devido à necessidade de ampliar a formação dos professores primários, e principalmente de formar o gestor que naquele momento precisam dos:

... estudos superiores em Pedagogia para, mediante concurso, assumirem funções de administração, planejamento de currículos, orientação a professores, inspeção de escolas, avaliação do desempenho dos alunos e dos docentes, de pesquisa e desenvolvimento tecnológico da educação, no Ministério da Educação, nas secretárias do estado e dos municípios. (Saviani. 2008, p.219).

Percebe-se neste momento uma preocupação muito grande com a formação do Técnico em Educação, que é aquele que vai agir de maneira burocrática na escola, diferente do que ocorre nos dias de hoje, que se busca ampliar e valorizar principalmente os conhecimentos dos professores, para que os mesmos tenham uma base sólida pautada na formação acadêmica e na experiência, condições de articular conhecimentos Pedagógicos e Administrativos nos ambientes escolares e não escolares também.

Um outro ponto a se destacar é a questão da padronização do curso de Pedagogia em 1939, que é decorrente da “concepção normativa da época, que alinhava todas as

licenciaturas ao denominado “esquema 3+1,” esse esquema em questão pautava-se na dissociação do curso de Pedagogia em duas vertentes: Bacharéis e licenciados:

“Seguindo este esquema, o curso de Pedagogia oferecia o título de bacharel, a quem cursasse três anos de estudos em conteúdos específicos da área, quais sejam fundamentos e teorias educacionais e o título de licenciado que permitia atuar como professor, aos que, tendo concluído o bacharelado, cursassem mais um ano de estudos dedicados à Didática e a Prática de Ensino. (Saviani, 2008, p.220)”.

Neste momento observa-se uma fratura no curso de Pedagogia, entre dois campos distintos dentro do mesmo curso, “a dicotomia entre bacharelado e licenciatura levava a entender que o bacharelado formava o Pedagogo que poderia atuar como técnico em educação e, na licenciatura, formava-se o professor que iria lecionar as matérias pedagógicas (Saviani,2008,p.220)”. Entretanto devemos ressaltar que para os Licenciados em Pedagogia era concedido o registro para lecionar disciplinas como Matemática, História, Geografia e Estudos Sociais, no primeiro ciclo do ensino secundário, atual segundo segmento do ensino fundamental. Com a divisão entre esses dois conceitos entende-se que no Bacharelado se formava o professor técnico em educação, enquanto que na Licenciatura se formava o professor para lecionar nas diversas áreas educacionais.

A Lei nº4. 024/1961 e o parecer CFE nº251/1962, mantém o esquema 3+1, para o curso de Pedagogia. Só em 1969 com a reorganização do curso de Pedagogia que se tenta abolir a separação entre Bacharelado e Licenciatura, nesse mesmo momento são criadas as habilitações que:

“Cumprindo o que acabava de determinar a lei nº5540/68. A concepção dicotômica presente no modelo anterior permaneceu na nova estrutura (...) o curso de pedagogia passou então a ser predominantemente formador dos denominado “especialistas” em educação (supervisor escolar, orientador educacional, administrador escolar, inspetor escolar, etc.), continuando a ofertar, agora na forma de habilitação, a licenciatura “Ensino das disciplinas e atividades práticas dos cursos normais”, com possibilidade ainda de uma formação alternativa para a docência nos primeiros anos do ensino fundamental. (Scheibe e Aguiar, 1999.p.5).

Com a Lei da Reforma Universitária nº5. 540/68, amparada no o parecer nº252/69 e na resolução CFE nº2/69 que “fixa os mínimos de conteúdos e duração a serem observados na organização do curso de Pedagogia” (Saviani, 2008, p.44), que passa do regime seriado para o regime de crédito, e com isso introduz a matrícula por disciplina semestral “além de distinguir entre cursos de curta duração e de longa duração” (Saviani, 2008, p.47).

Entende-se como curso de curta duração os que são realizados com duração de 1.100 horas com habilitações voltadas para Administração, Supervisão e Inspeção, todas

direcionadas a escola de 1º grau e os cursos de longa duração deveriam ser oferecidos em um total de 2.200 horas com habilitações voltadas para as escolas de 2º grau. Essa nova configuração do curso de Pedagogia surge na tentativa de preparar profissionais de educação para atender as exigências imediatas do mercado de trabalho.

Em função de uma ampliação do acesso das classes populares ao ambiente escolar, o mesmo teve que ser novamente organizado para atender a esse público, que chega as escolas trazendo novas concepções e perspectivas diversas. Neste momento “... cresceram as exigências de qualificação docente, para orientação da aprendizagem de crianças e adolescentes...” (Saviani, 2008, p.221). A preocupação em atender as exigências históricas sociais faz:

“já no início da década de 1980, várias universidades efetuaram reformas curriculares, de modo a formar no curso de Pedagogia, professores para atuarem na educação Pré-escolar e nas séries iniciais do Ensino de 1º grau. Como sempre, no centro das preocupações e das decisões, estavam os processos de ensinar, aprender, além de gerir escolas. (Saviani, 2008,p.221)

A década de 80 é marcada pela “prática social (...) como ponto de partida e ponto de chegada da prática educativa”. Tem-se a necessidade de encontrar um “...método pedagógico que parte da prática social, em que o professor e aluno se encontram igualmente inseridos,ocupando, porém, posições distintas condição para que travem uma relação fecunda na compreensão e no encaminhamento da solução dos problemas”.(Saviani,2008,p.118)

Em função da situação vivida no país as universidades sentem a necessidade de reorganizar seus currículos, com a intenção de buscar elementos formadores utilizando a própria vida do aluno, visto que esse emerge das classes populares.

Buscando abarcar as necessidades estabelecidas pelos movimentos sociais, o curso de pedagogia passa a:

Contemplar, entre muitos outros temas: educação de jovens e adultos; a educação infantil; a educação na cidade e no Campo; a educação dos povos indígenas; a educação nos remanescentes de quilombos; a educação das relações ético-raciais; a inclusão escolar das pessoas com necessidades especiais, dos meninos e meninas de rua; a educação a distancia e as novas tecnologias de informação e comunicação aplicada à educação; atividades educativas em instituições não escolares, comunitárias e populares. É nesta realidade que se pretende intervir com estas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Pedagogia. (Saviani, 2008, p.221)

Com as habilitações e temas oferecidos na graduação do Pedagogo, amplia-se o interesse de estudantes sem qualquer experiência na profissão, visto que a princípio o curso era composto por professores primários, com alguma ou muita experiência em sala de aula, esse novo contexto presentes na formação do pedagogo, proporciona muitas críticas ao curso, entre elas a que “ os estudos em Pedagogia dicotomizavam teoria e prática”, essa crítica surge devido ao problema de equilíbrio entre teoria e prática, problema presente até os dias de hoje, ainda temos o ranço do esquema 3+1. Os estudantes de pedagogia que não tem nenhuma experiência em sala de aula, ainda hoje são vistos como menos preparados, principalmente para atuarem em sala de aula. Mesmo os estudantes do curso de Pedagogia tendo em seu currículo conhecimentos teórico-prático, são vistos com certa desconfiança, pelos empregadores, que preferem contratar professores com histórico do curso normal.

Diante das transformações destacadas, cabe ressaltar que o curso de Pedagogia em coerência:

Com uma história construída no cotidiano das instituições de ensino superior, não é demais enfatizar que o curso de Pedagogia, nos anos 1990, foi se constituindo como lócus da formação docente dos educadores para atuar na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A formação dos profissionais da educação, no curso de Pedagogia, passou a construir, reconhecidamente, um dos requisitos para o desenvolvimento da Educação Básica no País. (Saviani, 2008, p.223)

O curso de Pedagogia surge da necessidade de se preparar o técnico em Educação, e acaba após sofrer várias transformações, e infinitas críticas, como o lugar de formar o Cientista Social, o Pedagogo, que hoje é um profissional que deveria ser muito bem remunerado, pois atua no cerne do problema de qualquer sociedade, que é a Educação, sendo esta o principal pilar na construção e no desenvolvimento de qualquer nação. Nesta perspectiva é que os cursos de pedagogia nos dias atuais procuram formar o professor pesquisador, capaz de atuar nos diversos campos educacionais, em ambientes escolares e não escolares também, em que os conhecimentos pedagógicos se insiram.

Capítulo II

APRESENTAÇÃO DO LÓCUS DA PESQUISA

A Faculdade de Formação de Professores (FFP) fica localizada na Rua Dr. Francisco Portela, 794, em frente à Praça dos Ex-Combatentes, no bairro Paraíso, São Gonçalo.



Nº 01 - Foto externa da UERJ / FFP.
(Fonte: <http://www.ffp.uerj.br/>)

A FFP oferece cursos de graduação, especialização e mestrado. São ao todo seis cursos de graduação: Letras (Português/Literatura e Português/Inglês), Geografia, História, Biologia, Matemática e Pedagogia, todos com duração mínima de oito períodos e máxima de quatorze períodos. Oferece também nove cursos de especialização em: Estudos Literários, Educação Básica, Geografia, Biologia, Gestão Escolar, Língua Portuguesa, Língua Inglesa, Dinâmica Urbano-Ambientais e Gestão Territorial. Para ampliar ainda mais a formação crítica e reflexiva de seus alunos oferece dois cursos de mestrados sendo um de História Social e o outro de Educação. A FFP já conseguiu avançar muito como instituição de ensino superior, mas almeja e luta por maiores conquistas para a formação integral do homem.

Segundo Silva (1996) são fins e princípios da universidade ministrar cursos relativos ao ensino superior e incentivar a pesquisa, tanto em nível de graduação quanto em nível de pós-graduação. A FFP também dá suporte ao desenvolvimento das ciências, letras e artes,

formação e o aperfeiçoamento de profissionais de nível superior, apresentação de serviços á comunidade e contribui para o desenvolvimento social e cultural de São Gonçalo.

A história da Faculdade de Formação de Professores é uma história de lutas “Lutamos ferrenhamente para que sua quase extinção não acontecesse. Toda a comunidade acadêmica mobilizou-se (...) foram épocas alternadas de crise pelas quais tivemos que passar” (SILVA, 1996).

Em 1994 o curso de pedagogia era voltado apenas para professores em exercícios da rede pública ou privada, e oferecia habilitação restrita em Magistério das Séries Iniciais do Primeiro Grau. Havia vestibular isolado.

Buscando sempre o avanço educacional, a instituição conseguiu em 1995 reformular seu currículo, possibilitando e ampliando as habilitações do curso de pedagogia que rompeu seu caráter fragmentado voltando-se a formação do professor de forma articulada: Magistério da Educação Infantil, das Séries Iniciais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio (na modalidade normal), Gestão Educacional, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Hoje a FFP é uma instituição reconhecida com destaque pela qualidade do ensino e pesquisa. É composta por quatro prédios: o auditório, o central, o das cantinas e o palácio de cristal.



Nº02 – Parte externa do prédio central
(Fonte: <http://www.ffp.uerj.br/>)

Nesses prédios são distribuídas as 42 salas de aula; 3 Laboratórios, 1 de Geografia 3 de Ciências Biológicas, 6 salas relativas aos Centros Acadêmicos (1 do CA de História, 1 do CA de Geografia, 1 do CA de Pedagogia, 1 do CA de Letras, 1 do CA de Ciências Biológicas,

1do CA de Matemática); 1 secretaria de graduação, 1 secretaria de pós-graduação lato senso: 1 secretaria de extensão;; 1 sala da direção e da vice-direção; 1 secretaria para atendimento aos discentes; 1 sala de informática com 20 computadores que servem de sala de aula e 1 sala com 30 computadores para atendimento aos alunos, 1 quadra de esportes.



Nº. 03- Parte externa do prédio das cantinas.
(Fonte: <http://www.ffp.uerj.br/>)



Nº. 04- Palácio de Cristal
(Fonte: <http://www.ffp.uerj.br/>)

Atualmente a FFP tem como diretora a Prof^a. Doutora Maria Teresa Goudard Tavares e Vice Diretora Prof^a. Doutora Cátia Antonia da Silva.

Em relação ao Departamento de Educação, a chefe chama-se Mariza de Paula Assis, a subchefe do Departamento chama-se Maria Lúcia de Abrantes Fontoura. Temos como secretárias Márcia Matheus e Liberaci Rodrigues.

Tínhamos em 2009, 2.874 alunos ativos distribuídos por curso: Pedagogia 423; Ciências Biológicas 318; Matemática 302; Geografia; 699; História 427; Letras-Português 360/Letras Português-Inglês 345.

Apresento a faculdade, pois esta tem um valor imensurável em minha trajetória de vida, e também na vida dos entrevistados, que da mesma maneira que eu estão concluindo a graduação em Pedagogia. Deixam sua colaboração nessa instituição de ensino, visto que as entrevistas foram realizadas aqui na Faculdade de Formação de Professores (FFP). Pretendo com isso ressaltar a importância dessa instituição de Ensino Público (a única) no município de São Gonçalo.

Capítulo III

APRESENTAÇÃO DOS ENTREVISTADOS:

Para realizar minha monografia fiz entrevistas com cinco alunos, todos trabalhadores e estudantes do curso de Pedagogia.

As entrevistas foram realizadas na Faculdade de Formação de Professores, durante os horários das aulas nas lacunas entre uma aula e outras e em aulas vagas. Todas as entrevistas foram realizadas no primeiro semestre de 2009.

A primeira entrevista foi com Ana Caroline de Azevedo e Silva que tem 21 anos. Ela é solteira e não tem filhos. Cursa o 7º período de Pedagogia. A entrevista aconteceu na sala de aula. Aproveitei um dia que a aluna chegou mais cedo para fazer as perguntas.

Para minha surpresa e para o bom andamento da entrevista, justamente nesse dia a professora chegou com atraso. A entrevista pode ser realizada como se fosse apenas uma conversa entre duas alunas trabalhadoras do curso de Pedagogia que encontram dificuldades em conciliar trabalho e formação acadêmica

A entrevista foi gravada e ocorreu sem presa. Ana Caroline me pareceu uma aluna participativa e muito comprometida com a qualidade de sua formação. Ela parece estar sempre atenta e contribui muito para as discussões.

A segunda entrevista aconteceu ao final de uma aula que terminou mais cedo. A segunda entrevistada foi Michele da Silva Ferreira que tem 23 anos. Ela é solteira e não tem filho. Michele cursa o 9º período do curso de Pedagogia.

Esta entrevista foi mais rápida, porém produtiva. Ocorreu dentro da sala de aula como uma conversa e também foi gravada. A escolha desta entrevistada aconteceu de maneira inusitada: coisa do destino. Neste dia, encontrei com ela no ponto de ônibus. Até então não imaginava que poderia entrevistá-la, pois só fazíamos uma aula juntas e não tínhamos a menor intimidade. Os acontecimentos ocorreram de maneira positiva para mim.

Estávamos na mesma parada de ônibus. A condução estava demorando mais que o habitual e começamos a conversar. No decorrer da conversa descobri que ela encontrava dificuldades em conciliar o trabalho com a faculdade. Sem perder tempo a convidei para contribuir com sua experiência para a construção da minha monografia. Ela aceitou ser entrevistada e no mesmo dia a entrevista aconteceu. A situação nos aproximou e nos tornamos amigas.

A terceira entrevista foi à única com data e hora marcada. Foi com Andréa Correia da Silva, de 40 anos, casada e com três filhos. Ela cursa o 8º período do Curso de Pedagogia. Combinamos que a entrevista seria feita em um dia onde tivéssemos o horário da última aula vago. A entrevista foi gravada e aconteceu no segundo andar em uma sala vazia.

Essa entrevista foi a mais demorada. Ela se envolveu muito na entrevista pois além de falar sobre sua luta para conciliar trabalho e formação, ainda falou sobre como estava cuidando do pai doente.

A quarta entrevista foi com o aluno Paulo Coutinho de Abreu de 50 anos. Ele é casado e tem três filhos. Está no 6º período. A entrevista surgiu devido uma aula de Psicologia Social com a professora Marisa. Durante a aula a professora fez uma dinâmica onde as pessoas tinham que conversar e depois descrever o outro. Neste momento descobri que Paulo também enfrentava dificuldades em conciliar trabalho com a vida acadêmica.

A quinta entrevista foi com a aluna Eliane Fagale. Ela é solteira e não tem filho. Cursa o 7º período de Pedagogia. Resolvi entrevistá-la por saber que também vive a maratona de conciliar trabalho com Faculdade. A entrevista aconteceu no intervalo entre uma aula e outra. Diferente do que eu pensei, por conviver com ela desde o 1º período, acreditava que seria mais fácil. Para minha surpresa foi a entrevista mais difícil. Ela não conseguia relatar com clareza suas dificuldades. Foi à entrevista mais rápida de todas.

As entrevistas me fizeram refletir sobre minhas próprias dúvidas e inquietações. Despertaram em mim a possibilidade de refletir sobre as minhas próprias dificuldades, e as dificuldades que as pessoas têm de expor seus sentimentos e fraquezas.

Diante de alguns relatos, meus problemas se tornaram pequenos. À medida que as pessoas iam relatando suas experiências, eu ia analisando minha própria realidade, dificuldades e fraquezas diante das “pedras” que encontramos no caminho. Isso começou a potencializar meu objetivo de concluir a graduação e atingir uma meta que tracei para minha realização pessoal.

Sempre ouvi os outros falando que era impossível um pobre entrar em uma Faculdade Pública. Eu entrei por mérito próprio e só vou sair com meu diploma nas mãos, enfim:

(...) já não foi possível existir sem assumir o direito e o dever de optar, de decidir, de lutar, de fazer política. E tudo isso nos traz de novo à imperiosidade da prática formadora, de natureza eminentemente ética. E tudo isso nos trás de novo a radicalidade da esperança. Sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las (FREIRE, 2007, P.52).

Essa citação de Freire nos ajuda a perceber a importância de assumir o seu papel de cidadão, com direitos e deveres. É deixar-se afetar pela vida, dando sentido a ela. A vida tem que ter sentido e se você desistir por que os outros não acreditam nos seus sonhos, qual sentido terá?

Esses quatro anos em que estou dentro da FFP foram muito importantes e me fizeram crescer como ser humano. Hoje me reconheço como um ser transformador capaz de mudar a sociedade, mesmo sendo um ser que se sabe inacabado, pois “o homem (...) está no tempo e abre uma janela no tempo: dimensiona-se, tem consciência de um ontem e de um amanhã” (FREIRE, 1979 p. 31).

Em um futuro bem próximo quero que minha experiência de vida sirva para contribuir com o desenvolvimento de pesquisas de outros estudantes visto que esse assunto ainda é pouco explorado. Sinto-me identificada com Freire quando este diz: “*Gosto de ser gente porque a História que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo. Daí que insista tanto na problematização do futuro e recuse sua exonerabilidade.*” (FREIRE, 2007, p53)

Capítulo IV

ANALISANDO AS RESPOSTAS DAS ENTREVISTAS

A primeira pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Em que trabalha?**

Ana Caroline: *Eu dou aula, no quinto ano de uma escola chamada “Sol,” em Niterói.*

Michele: *Eu trabalho na parte da tarde como intérprete de Libras e a noite como professora bilíngüe em uma turma de EJA (educação de jovens e adultos).*

Andréa: *Sou merendeira escolar há cinco anos na rede municipal de São Gonçalo e costureira autônoma...*

Paulo: *Eu trabalho em comércio, bar, balcão.*

Eliane: *Sam’s Club, na função de operadora de Telemarketing.*

Podemos observar que o curso de pedagogia não é cursado apenas por quem já fez o magistério em nível de ensino médio, embora dois entre os entrevistados já atuem no magistério. Hoje é comum encontramos trabalhadores de áreas distintas no curso de Pedagogia. Antes era um curso somente para quem havia feito o curso normal. O curso de pedagogia da FFP se propõe a formar o professor graças às reformas curriculares que o curso tem passado como a que ocorreu no processo “nº3555/DAA/06 e com fundamento no Parecer CNE/CP nº. 1 de 15 de maio de 2006. Segundo o documento:

Ar. 1º-Fica aprovada a Reformulação do Currículo Pleno do Curso de Licenciatura em Pedagogia destinando a formar profissionais para exercer funções de Magistério na Educação Infantil, nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal e em cursos de Educação Profissional, na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos, oferecidos sob a responsabilidade da Faculdade de Formação de Professores (FFP). Fica também assegurada, conforme prevê a supracitada Resolução CNE/CP nº1, em seu artigo 14, a formação dos profissionais da educação prevista no art. 64, em conformidade com o inciso VIII do art.3º da Lei nº9. 394/96. (Deliberação Nº. 003/2008)

Já no artigo 64 encontramos:

“a formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional. Este artigo mantém a formação dos especialistas em educação por via dos cursos de graduação em pedagogia ou como fazem várias universidades hoje, através de programas de pós-graduação”.

Analisando o processo de Reformulação do Currículo Pleno do Curso de Licenciatura em Pedagogia cima apresentado e as características dos entrevistados frente ao curso de Pedagogia, fica claro que com a ampliação das funções do Pedagogo, o curso de Pedagogia da FFP, se torna mais atraente, e com uma característica ampla frente ao mercado de trabalho, concebendo outras habilitações ao professor. O curso que antes se limitava a formar o professor de sala de aula, hoje se constitui na formação integral de um profissional na área de Educação que pode atuar em todos os espaços educacionais.

A segunda pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Qual é o seu horário de trabalho?**

Ana Caroline: *Eu trabalho de 13h às 17h30min.*

Michele: *De 13h às 17h30min. No horário da tarde e de 18h às 21h no horário da noite*

Andréa: *Atualmente eu trabalho das 16h em diante, o certo seria largar às 22h, mas eles liberam a gente antes...*

Paulo: *Ah, segunda feira é minha folga da faculdade, aí eu pego às 20h e largo às 23h, 1h da manhã (...) depende do movimento, eu não tenho hora de largar do trabalho (...) trabalho feriado, domingo e às vezes vou até 7h da manhã.*

Eliane: *De 13h às 19h30min*

Os entrevistados apresentam horários bem irregulares, o que faz com que os mesmos vivam um desgaste físico e mental muito grande. Diante disso, vale a pena ressaltar a importância da flexibilidade de horários nas instituições acadêmicas. Principalmente para os alunos trabalhadores, que precisam adequar os estudos a seu horário de trabalho.

A terceira pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Qual o seu horário de estudo?**

Ana Caroline: *De 7h às 12h20min.*

Michele: *É o horário que chego a casa, depois das 21h30min, e aos finais de semana quando sobra um tempinho.*

Andréa: *Isso é muito complicado (...) como eu vou dizer (...) então, eu acordo de madrugada, porque costumo acordar 4h25min, 5h25min sempre nesse horário, assim a casa esta toda em silêncio e eu vou ler o texto e fazer as coisas da faculdade, é uma loucura...*

Paulo: *É difícil, muito difícil para mim (...) eu já tentei fazer matérias à tarde, mas não deu. Eu já abandonei o período, voltei porque sinto falta de estar num local assim, assistindo uma aula como a de hoje (psicologia social) (...) que acrescentou muito para mim,...Eu já abandonei a faculdade, pensei:”Ah! Eu não vou voltar não,eu já não estou mais em idade de ficar testando o que eu quero e o que eu não quero, mas eu senti muita falta, não sei se vou até o final, é como eu estou falando, é muito difícil para mim,só eu sei os contras: Mulher, filhos, já tenho netos...Quer dizer é muito difícil, é difícil pra caramba.*

Eliane: *De 7h às 12h20min*

De acordo com as entrevistas, organizar um horário de estudo não é fácil, pois na maioria das vezes o tempo que tem disponível é na faculdade, entre uma aula e outra, ou se aproveita esse horário, que na maioria das vezes não é o suficiente ou tem que fazer um esforço subumano para dar conta do trabalho e das atividades acadêmicas, que são essenciais na formação. Neste movimento cada aluno cria sua própria estratégia de horário para o estudo, tentando aproveitar ao máximo todo tempo possível.

A quarta pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Qual foi a sua formação no ensino médio?**

Ana Caroline: *Eu fiz o curso normal.*

Michele: *Fiz curso normal.*

Andréa: *Técnico em contabilidade.*

Paulo: *Fiz formação geral.*

Eliane: *Técnicas contábeis.*

Diante das respostas fica bem claro que no ensino médio, com exceção das alunas que fizeram o curso normal, os alunos ainda não têm idéia do que pretendem fazer na vida profissional, dentro desse contexto Alves destaca que:

Se a escola já foi proclamada como a instituição que preparava os fortes e lutadores para encontrar a vocação de “ser alguém na vida”, com suas duas faces, a de vencedor no trabalho e a de senhor no lar é preciso perguntar: para que prepara a escola atualmente? (Alves, 1993, p.28).

A escola atualmente não prepara os alunos nem para o trabalho e muito menos para a Formação superior. Este aluno muitas vezes termina o ensino médio sem saber que profissão escolher, é na hora do vestibular que a maioria dos estudantes escolhe uma profissão, e muitas vezes não se adapta ao curso, se sente infeliz, incapaz de continuar, e acaba abandonando.

Hoje a escola se encontra atravessada por inúmeras questões de realidades coletivas que a mesma sozinha não da conta, por isso é essencial entender que: “Não sendo a escola a única agência responsável pela produção e pela difusão do saber, parece desejável que ela busque integrar ações com as demais instituições culturais da comunidade” (Silva, 1993, p.46). Com o objetivo de formar cidadãos e entender suas verdadeiras necessidades, viabilizando o dialogo entre as instituições e os alunos, podendo aproveitar e formar parcerias com as instituições para desenvolver através de projetos e pesquisas, o contato dos alunos com diversos tipos de profissões, para assim se sentirem à-vontade para escolher a que mais lhe agrada, facilitando o ingresso, do mesmo no Ensino superior e mercado de trabalho.

A quinta pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Porque escolheu fazer Pedagogia?**

Ana Caroline: *É meio difícil responder isso, porque sempre quis, sempre quis ser professora, e então fiz o curso normal. Sempre quis continuar sendo professora, e fiz Pedagogia... Não me imagino fazendo outra coisa!*

Michele: *Por identificação mesmo, como eu já fiz formação de professores, me identifiquei muito e escolhi Pedagogia por noção mesmo e identificação com a profissão.*

Andréa: *Porque fui parar no meio da educação. Eu entrei na escola como merendeira, e no início eu estava voltada a aprender só aquilo que eu tinha que fazer porque eu nunca havia feito comida para uma quantidade enorme de pessoas, e depois disso foi que eu me adaptei ao trabalho, então comecei a observar a convivência das crianças com os professores, com o meio escolar e comecei a prestar atenção ao meu redor, em termos de educação... Aí tentei a faculdade, duas vezes para Direito e na terceira vez eu tentei para Pedagogia, e foi assim... Eu tentei para Pedagogia, mas poderia ter tentado: Letras, História, Geografia, principalmente História e Letras, porque Português é a minha melhor matéria, minha melhor disciplina, e História eu sempre gostei, mas sei lá, Pedagogia é diferente, você não vai dar uma disciplina, você vai compreender o que é a Educação, você vai se especializar em Educação, é diferente de você ser professor de História, professor de Letras. Tanto é isso, que nós temos vários professor que fizeram uma cadeira e depois na pós-graduação fizeram na área de educação para conhecer o que é educação...*

Paulo: *Minha filha fazia o Curso Normal e estava abandonando na época, e eu queria dar uma força pra ela, meu irmão mais velho é professor de sociologia, o abaixo de mim é professor de matemática, tenho três cunhadas professoras, tenho primos, minha família tem muitos professores e eu gosto dessa área...*

Eliane: *Porque eu passei logo de primeira, eu também tentei Ciências Sociais e não passei, então fiz Pedagogia...*

Diferente do que muita gente pensa o estudante de pedagogia não escolhe o curso apenas pela relação candidato vaga. Existe uma identificação muito grande com a profissão, visto que o estudante de pedagogia não visa apenas o lado financeiro. É a Educação o principal argumento na hora da escolha. A maioria tem noção do seu papel como educador, na formação de cidadãos críticos.

A sexta pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Como você consegue conciliar trabalho, estudo, família, vida religiosa etc.?**

Ana Caroline: *É complicado! É muito complicado sobrar tempo, a gente tem que abrir mão de muitas coisas; ontem mesmo (ontem que já era hoje) fui dormir 1h da manhã digitando as provas dos meus alunos, porque além de trabalhar, de estudar, de dar conta do planejamento da escola, eu moro muito longe! Eu moro em Ponta Negra - Marica, então eu perco muito tempo com ônibus e é muito desgastante... Muito! Muito! (...) Abre mão de horário de sono, de horário de comida, de horário de lazer para dar conta de tudo, mas graças a Deus eu estou dando conta, eu dou conta dos textos bem, todos lidos, do planejamento no trabalho, mas é muito complicado! Muito exaustivo!*

Michele: *Há, com muita força de Deus e força de vontade também. É bem complicado, é muito cansativo às vezes pra estar me dedicando me divido em várias, acaba sendo bem complicado, e ai aos poucos, o que eu faço e puxar menos disciplinas pra tentar esta me dedicando a todas. Enfim, poder estar tendo uma formação realmente válida, porque não adianta eu me dedicar só ao trabalho e deixar meio que a formação de lado. Então, eu tento compensar. Não sei se é exatamente assim, mas puxar menos disciplinas fica menos cansativo também... Agora eu só venho a faculdade três vezes por semana, pela manhã, mas já teve uma época que eu vinha todos os dias de 7h as 12h e ainda ia para o trabalho, esse período era bem cansativo. E ainda mais como professor... Que não trabalha somente na escola, você tem que realizar atividades diversificadas de acordo com a demanda do seu grupo.*

Andréa: *Eu entrego nas mãos de Deus, procuro dar atenção ao meu marido aos meus filhos, desacelero dos afazeres domésticos e priorizo a minha faculdade, porque a carga está pesada...! Estou com problemas de saúde, meu pai também, é toda uma carga que às vezes os professores nem sabem... Eu não sou uma pessoa que posso ficar sem trabalhar, normalmente a gente que já passou dos trinta têm a necessidade de se manter, não tem condições de ficar dependendo de pai, de marido é o contrario a gente precisa de nossa renda para ajudar, então para quem trabalha é uma barra muito grande eu, por exemplo, estou estressada...*

Paulo: *Minha vida pessoal; Estou meio sem tempo, estou sem tempo, mas na vida social eu não sou muito de sair, minha esposa também não é muito de sair, eu não tenho uma vida pessoal assim festiva, eu sou muito família...*

Eliane: *É muito difícil concilia, para quem trabalha é um sacrifício, porque eu saio daqui (FFP) 12h20min, para chegar ao serviço às 13h, tenho que sair correndo para chegar ao serviço no horário certo.*

Conciliar trabalho, estudo, família, vida religiosa, não é nada fácil e os alunos trabalhadores retratam bem isso em suas falas. São muitos os desafios encontrados, entre eles a distancia entre seus municípios e o município onde se localiza a Faculdade.

A sétima pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Porque você trabalha?**

Ana Caroline: *Pela situação financeira. Eu comecei a trabalhar esse ano porque a situação financeira apertou e graças a Deus surgiu esta oportunidade, que para mim está sendo única. Eu acho que foi e está sendo essencial para minha formação. No caso como aluna, eu acho que um professor se faz também na prática, teoria é muito bom, mas sempre conciliada com a prática...*

Michele: *Por necessidade também, quer dizer, não tenho tanta necessidade é mais pela oportunidade que eu tive. Nessa área de trabalho com surdos a carência de profissionais é muito grande. Então, eu comecei por oportunidade e também por necessidade para não ficar totalmente dependente de meus pais, até mesmo como uma forma de ficar me mantendo, mesmo que ficaria puxado mais eu prefiro para ter uma certa independência financeira também.*

Andréa: *Eu não sou uma pessoa que posso ficar sem trabalhar, normalmente a gente que já passou dos trinta têm a necessidade de se manter, não tem condições de ficar dependendo de pai, de marido é o contrario a gente precisa de nossa renda para ajudar, então para quem trabalha é uma barra muito grande eu, por exemplo, estou estressada.*

Paulo: *Porque eu tenho que me manter, e manter alimentação, passagem e educação dos filhos.*

Eliane: *Porque se eu não trabalhar não têm condições, meus pais não têm condições de suprir minhas necessidades, vamos dizer assim, eu tenho que trabalhar, pois sou eu que banco, compro minhas roupas, pago a passagem para vir estudar, se eu não tivesse o Rio*

Card. seria impossível vir para a faculdade, porque a faculdade é pública, mas as xérox a gente tem que pagar, além da passagem, lanche, tudo isso.

O trabalho é fundamental para garantir a permanência dos entrevistados na faculdade e sua própria sobrevivência, visto que os entrevistados vêem o trabalho como realização pessoal, não só como meio de sobrevivência. Cabe ressaltar que; “Cada um de nós tem uma idéia do papel que o trabalho desempenha em nossas vidas” (Luckesi, 2006, p.156). Só com essa percepção é que buscamos componentes necessários para continuar acreditando que todo trabalho vale a pena.

Podemos ver claramente através das entrevistas, que grande parte dos alunos são da classe popular, reafirmando o interesse dessa classe pela educação, e demonstrando que os mesmos são qualificados e capazes de superar as desigualdades, valorizando sua cultura e buscando se inserir na cultura erudita.

A oitava pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Porque os alunos do curso de Pedagogia precisam trabalhar?**

Ana Caroline? *Acredito que seja pela situação financeira mesmo.*

Michele: *Eu acho que é assim, a clientela de pedagogia é de alunos que fizeram formação de professores, de certa forma já entra meio que na área, então, eu observo colegas que eu convivi esse tempo, é que a maioria deles eram professores e já trabalham na área... Eu acho que no curso de pedagogia a clientela é mais assim, já são professores, e a maioria já trabalha.*

Andréa: *Porque são de classe pobre, essa que é a verdade, nós somos pobres. Eu nunca tive a pretensão de ser médica... O curso de pedagogia é literalmente formado por pessoas que precisam ir à luta, que precisam se sustentar, até mesmo para se manter na faculdade, só a quantidade de xérox que a gente tira...*

Paulo: *Eu acho que é para se manter mesmo, tem gente que trabalha, tem gente que não trabalha e fica o dia inteiro usufruindo do espaço... Eu queria aproveitar mais a faculdade, participar dos eventos, mas devido a minha idade e do meu trabalho não dá.*

Eliane: *Eu acho que pelos mesmos motivos que eu, acho que as maiorias das pessoas precisam trabalhar, têm pessoas que não precisam, os pais bancam, acho até que é a maioria, visto que na faculdade pública são tantas coisas contra, tantas coisas que dificultam a permanência de quem trabalha que têm pessoas que até desistem, preferem ficar só trabalhando porque não têm condições de ficar só estudando.*

Podemos entender que são vários os motivos que levam os alunos do curso de Pedagogia a trabalharem, entre eles o fator social, alunos de origem humildes, que tentam reescrever suas histórias de vida. “É bem verdade que a educação não é a alavanca da transformação social, mas sem ela essa transformação não se dá.” (Freire, 1997.p.35). É a educação a maneira mais eficaz de se desenvolver intelectualmente e diminuir a desigualdade entre as classes, promovendo assim a possibilidade de igualdade de acesso que tanto queremos.

A nona pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Quais os maiores desafios que você encontra para estar conciliando tudo isso, trabalho, faculdade, família e vida pessoal?**

Ana Caroline: *É eu acho que dar conta é o ponto chave, dar conta das leituras e de entender todos os textos, porque ler o texto é muito fácil, mas entender, questionar, refletir... Então eu acho que dar conta dos textos e também chegar com pique para dar aula, porque dar aula para criança não é chegar lá e sentar, é falar, e você continuar em pé ,falando questionando, motivando, então acho que tem que ter pique!*

Michele: *Eu acho que é às vezes combater a ansiedade, o estresse e a pressão psicológica que você acaba tendo, ainda mais agora em final de curso, você tem que dar conta da monografia, você tem que dar conta de várias disciplinas e são vários trabalhos ao mesmo tempo. E aí, que geralmente bate com o final do semestre na escola, que é o meu caso você tem que dar conta de prova, você tem que está meio que suprimindo aquelas exigências que a escola coloca para você.*

Então eu acho que os maiores desafios são esses, e para mim ainda tem a questão da distância do município de São Gonçalo para Rio Bonito que é quase uma hora e meia, três horas praticamente por dia para vir à faculdade, então o cansaço físico e mental às vezes

também é um desafio. Sabe, você chega a casa depois de um dia todo de trabalho, três turnos direto, e ainda ter que dar conta de mil coisas... Eu acho que o maior desafio é estar dando conta disso tudo.

Andréa: *O meu maior desafio! Olha, o meu maior desafio é a necessidade de terminar essa monografia, têm várias histórias, histórias que eu ainda não digitei, entendeu? Tem muita coisa pra contar, mas falta tempo pra digitar, no momento o meu maior desafio é encontrar tempo para digitar minha monografia.*

A professora Helena mandou que eu lesse o livro da Regina Leite Garcia, sobre organização escolar, já estou no final do livro, mas e aí, você lê, mas não é pra você repetir na sua monografia o que você leu, portanto você vai ter que desenvolver um raciocínio lógico sobre aquilo que leu com aquilo que você escreveu na sua monografia, fora isso, Roger, Freire e todos os teóricos que eu quero falar.

Eu sei tudo isso, mas o desafio está sendo esse, organizar meu tempo para encontrar o momento que seja da monografia, e eu ainda não conseguir fazer isso, e isso está me deixando com o coração na mão. Eu sei da minha responsabilidade, até o final do semestre eu tenho que ter cumprido o que ela mandou, além do que ela mandou já consegui montar meu questionário de perguntas, já digitei, já mandei pra ela, ela já reformulou alguma coisa para eu corrigir e enviar de volta, então, meu maior desafio é esse, terminar minha monografia. Que Deus me ajude!

Paulo: *Para eu entrar na faculdade eu enfrentei um monte de desafios, fora os engraçadinhos que falam: Para onde você vai você está velho pra estudar, aí quando eu entrei no curso, conversando com um amigo perguntei a ele: Será que eu estou tirando a vaga de alguém? Pois eu queria fazer vestibular pra incentivar meus filhos, aí meu amigo me falou: Claro que não cara! Se o camarada mais novo que você tivesse tirado uma nota melhor que a sua e você tivesse sido colocado pela janela tudo bem, mas você está competindo de igual pra igual, aí eu pensei, depois que eu entrei pra faculdade eu vejo pessoas que realmente estão empatando, troca de curso, vários anos na faculdade, não que eu tenha nada contra o C.A (Centro Acadêmico), acho legal se as pessoas que tivessem lá trabalhassem, têm pessoas que trabalham, não podemos generalizar.*

Eliane: *Acho que o tempo mesmo, o tempo! O cansaço físico... Você estuda, trabalha, é uma correria, você não tem tempo pra estudar para as provas, tem que usar as madrugadas pra estudar, não tem tempo pra sair, ou você sai ou estuda...*

Os maiores desafios encontrados pelos alunos são; a fadiga, o cansaço físico a distancia entre suas casas e a faculdade e principalmente o tempo, ou melhor, a falta dele. Esse parece ser o maior inimigo dos alunos trabalhadores. É preciso uma grande disciplina para poder conciliar tudo dentro do tempo, visto que, a maratona diária não permite o descanso e lazer necessário para a descontração da mente e recuperação do esforço físico. A sensação é de que o relógio sempre esta contra os que trabalham.

A décima pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Você conta com alguém para te ajudar a conciliar tudo isso?**

Ana Caroline: *Eu tenho total apoio da minha mãe, porque se não fosse ela eu acho que não daria conta. Às vezes eu paro para pensar nas pessoas que tem família, que tem filhos, que tem casa e eu tenho a sorte de ter uma mãe que me respalda com tudo. Eu chego a casa tem comida, tem casa limpa, roupa lavada, e se não fosse isso eu tenho certeza que não daria conta.*

Michele: *Diretamente nas atividades, não. Apoio da minha família, sempre! Sempre me incentivaram, agora ajuda em termos das minhas atividades, não, só eu.*

Andréa: *Por livre espontânea, como diz a professora de “Gestão” por livre espontânea “coordenação administrativa”, eu é que mando, eu é que coordeno. Quem administra minha casa sou eu... e as pessoas me ajudam por tabela, se eu disser que essa ajuda é espontânea eu estaria mentindo ... Quem organiza essa ajuda sou eu, o meu marido é incondicional, ele me ajuda porque ele se sente orgulhoso de eu ser quem eu sou...*

Paulo: *É, com minha esposa, ela me ajuda muito, tem hora que a gente bate de frente por ela achar que eu não reconheço que ela me ajuda por eu não ficar toda hora falando que ela me ajuda, é uma coisa chata, mas ela me ajuda muito, muito mesmo.*

Eliane: *Deus! Só ele.*

Fica bem explicito nas entrevistas que as principais bases para a difícil tarefa de conciliar trabalho, estudo, família etc. É a Fé que segundo Freire;

Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. Por isto, existe antes mesmo de que ele se instale. (1987, p.46)

A certeza que a fé em Deus e em si, é o que nos impulsiona a prosseguir. A família também é um fator importante nessa jornada.

A décima primeira pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Você pensa em trabalhar na área?**

Ana Caroline: *Já trabalho.*

Michele: *Já trabalho.*

Andréa: *Eu vou fazer o concurso da INFRAERO dentro da área Pedagógica e vou continuar tentando concursos que não seja para prefeitura nenhuma, dizem que a prefeitura vai colocar concurso agora para o segundo semestre para professora, mas eu gostaria de trabalhar no caso como “Professor I”, com as meninas do pedagógico.*

Paulo: *Eu penso em trabalhar sim, por trás da cortina, se tiver uma folguinha até penso em entrar em sala de aula, porque eu gosto.*

Eliane: *Até penso! Mas eu fico assim, acho que insegura, a faculdade só dá mesmo uma noção, só mostra mais ou menos o que é você só vai saber mesmo como vai ser depois que começar a atuar, mas eu penso sim, não sei se trabalhar como professora, mas o negócio é ver se na hora que eu estiver lá se vou continuar ou não.*

Cabe ressaltar que os entrevistados (com exceção os que já trabalham na área) apesar de pensarem em trabalhar na área, sentem-se inseguros em assumir o papel de educador considerando que:

“O início da carreira docente tem sido para muitos professores um período difícil, no qual vários problemas se evidenciam. É o momento da passagem do papel do aluno para o de professor, que na maioria das vezes, ocorre com muitas incertezas e inseguranças”. (Almeida, 2000, p.33)

A faculdade tenta diminuir esse abismo existente entre teoria e prática, oferecendo durante a graduação estágios curriculares, nos quais o graduando tem a oportunidade de observar a dinâmica do espaço escolar. Contudo fica notório que só a observação não é o suficiente, visto que o aluno não atua efetivamente no processo de ensino aprendizagem. É uma realidade que precisa ser pensado pela universidade. Um outro ponto a se destacar é em função da formação universitária para que a mesma não se torne o que Alves relata como “repetitiva e conservadora” visto que:

“A função formadora da universidade não se concretiza de uma só vez: é um processo. Não se produz apenas no interior de um grupo, nem se faz apenas através de um curso. É o resultado de condições históricas. Faz parte, necessária e intrínseca, de uma realidade concreta e determinada, realidade esta que não pode ser tomada como coisa pronta, acabada, ou que se repete indefinidamente.” (Alves, 1993, p.66).

A citação acima nos permite pensar que não basta uma formação universitária para se ter segurança na hora de atuar, apesar desta ser fundamental. A faculdade nos possibilita acesso a um leque de teorias fundamentais a formação, mas é na prática que usaremos as teorias. São as experiências cotidianas que irão nos constituir enquanto profissionais capazes de atuar no ambiente escolar e em todos os ambientes onde a educação se faça presente.

A décima segunda pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **Em sua opinião o que deveria acontecer no curso de pedagogia para melhorar a vida de quem trabalha?**

Ana Caroline: *Eu acho que o que falta são matérias eletivas no horário da manhã, ou no caso de quem trabalha à tarde, mais no turno da tarde, se bem que o turno da tarde é bem privilegiado em relação a isso, mas eu acho que falta um pouco mais de distribuição mesmo para as matérias. No meu caso, até então, eu contei com a boa compreensão dos professores em relação a horário, quando eu preciso sair um pouco mais cedo, eles entendem. É lógico que eu explico o porquê, e também cumpro as tarefas. Então, em relação a horário é tranqüilo, mas em relação à distribuição da grade, eu acho que isso poderia ser repensado.*

Michele: *É até complicado, porque tem a questão do que têm que ser cumprido burocraticamente, os horários e a carga horária de cada disciplina... De certa forma agente tem que cumprir currículo. Então assim, é bem complicado por causa da questão burocrática da própria universidade, mas acredito que uma maior articulação de horários talvez, um oferecimento maior de horários e de disciplinas, porque às vezes você quer fazer uma disciplina e encontra em um horário da manhã ou em um horário à tarde, um horário que você sabe que não dá pra você fazer porque tem que sair correndo da faculdade para o trabalho, então, eu acredito que o oferecimento de disciplinas em outros horários... Porque às vezes você quer fazer uma disciplina, mas só é oferecida em um horário e não dá pra você fazer, então, eu acredito que uma maior articulação de horários de disciplinas ajudaria muito.*

Paulo: *Eu acho que a gente fala tanto de avaliação diagnóstica, de conhecer o aluno, cada um tem uma visão, e agente fala muito na pedagogia que o professor conhece o aluno, as dificuldades e eu acho que na universidade eles não tem sabido, eles pregam pra gente uma avaliação justa... Mas eu acho que na universidade tinha que ter uma pessoa pra avaliar meu caso e outros casos. No meu caso eu abandonei um período porque eu estava com muito problema em casa, no trabalho. Meus filhos estão crescendo e eu não participando de quase nada dos meus filhos, foi muito difícil e ainda tive uma reprovação, tive que abandonar e ainda tive uma reprovação, mesmo meus colegas falando que eu estava com problemas a maioria dos professores me reprovaram por falta. Eu não sei o que isso vai acarretar no CR caso eu precise de uma nota alta, tem muita coisa aqui na faculdade que eu não conheço ainda. Eu acho que os professores deveriam conhecer mais seus alunos, ver quem é quem, quem não quer nada, quem quer alguma coisa pra avaliar... Você vai ao departamento pra se informar e não consegue informação, eu tive problema na minha inscrição no segundo período e tive que ir ao Rio resolver, perdi um dia de trabalho, sacrifiquei outras pessoas e não consegui resolver, sei lá eu acho que deveria ter uma pessoa pra avaliar cada caso, apesar de ser difícil porque sempre vai ter uma pessoa que vai dizer que você está beneficiando uma pessoa, e têm regras, mas eu acho que pra gente usar uma avaliação diagnostica eles deveriam usar isso na universidade também. No outro dia eu levei um elogio por não ter nenhuma falta, eu não sou de faltar, mas eu acho que deveria ter uma pessoa pra avaliar, que avaliasse mesmo. Quando entrou a Diretoria nova foi prometida muita coisa, e até agora nada aconteceu. Eu sei que é difícil, mas tem que ter um jeito, uma pessoa no departamento de educação tem que avaliar as pessoas com problemas como os meus.*

Eliane: *Acho que deveria ter um horário mais acessível para as pessoas que trabalham, porque só tem horário da manhã e a tarde, e à noite não tem. Era necessário que tivesse Pedagogia no horário da noite porque até eletiva só tem manhã ou tarde, poucas são oferecidas a noite à noite para quem trabalha, fica difícil em tudo. Você vai se formar, mas não vai se formar no tempo que deveria, sempre vai demorar mais tempo porque não tem como fazer as eletivas que são oferecidas no horário da tarde tinha que ter á noite. As eletivas deveriam ser oferecidas á noite, ou melhor, nos três horários, pois é complicado para todo mundo que trabalha. Quem trabalha de manhã estuda à tarde, quem trabalha á tarde estuda de manhã e quase não têm eletivas de manhã. Que horário vai fazer eletivas? Seria ideal para quem trabalha ter o curso de Pedagogia à noite.*

Segundo os entrevistados é fundamental que a FFP tenha uma maior articulação na oferta de disciplinas eletivas em todos os horários, de maneira que seja possível os alunos trabalhadores conciliarem as disciplinas eletivas com as disciplinas obrigatórias. Isso possibilitaria o término do curso no tempo previsto pela grade curricular, o que neste momento não seria possível, devido a pouca oferta de disciplinas eletivas no horário da manhã.

A décima terceira pergunta que fiz durante as entrevistas foi: **O que você pretende fazer quando terminar o curso de Pedagogia?**

Ana Caroline: *Eu pretendo imediatamente entrar na pós-graduação, eu acho que não pode deixar parar. Eu acho que a gente não deve deixar parar o ritmo, e também o profissional de qualidade que eu pretendo ser... Agora a faculdade já é pouco, daqui a pouco o mestrado vai ser comum. Eu estou estudando já para isso, já pesquisei, procurei bibliografia, já estou de olho, e se Deus quiser estarei no Mestrado.*

Michele: *Descansar um pouco, e já penso em talvez emendar uma pós-graduação e mestrado, porque por mais que seja agitado eu também não conseguiria ficar sem estudar, entendeu? A questão de estar exercitando a formação continuada também, pois é necessário você estar sempre se atualizando, descansar a princípio, e depois estar emendando no mestrado.*

Andréa: *Se eu ti disser o meu projeto de trabalho, o meu projeto maior é isso, é montar uma biblioteca, onde eu possa desenvolver um trabalho com as crianças, mas para isso eu preciso do apoio das escolas, porque na quarta série já tem muitas meninas com doze, treze anos, e eu gostaria assim de fazer um trabalho com elas de conscientização, de que elas podem fazer trabalhos em casa juntas bijuterias, pintura em tecido e ganhar dinheiro para elas, render um dinheirinho para elas sem precisar você ver certas situações que eu vejo no meu bairro, fazer aquela criança saber que elas podem produzir em vez de ir ficar pedindo esmolas, porque todo mundo faz vista grossa.*

Paulo: *Ah, eu estou com uns planos escritos, mas não sei se vou fazer a vida da gente muda tanto... Quando eu entrei pra faculdade eu tinha um plano de partir pra uma área que*

eu tivesse mais tempo pra mim, até mesmo de lazer, tempo pra mim mesmo, mas o serviço que eu arrumei não pagava o suficiente pra eu manter minha família, e eu preciso ajudar meus filhos.

Eliane: *Olha, não sei ainda! É o que você perguntou anteriormente se eu ia trabalhar na área, eu pretendo fazer concursos, pretendo a princípio. O que eu tenho em mente é fazer concursos, fazer Mestrado ou coisa desse tipo. Trabalhar na área ou então buscar alguma coisa no ramo.*

Enfim todos os entrevistados têm seus planos já articulados. Observo que em média os alunos pretendem investir em uma formação continuada. Cabe ressaltar que “A formação é um fator fundamental para o professor. Não apenas a graduação universitária ou a pós-graduação, mas a formação continuada, ampla, as atualizações e o aperfeiçoamento” (Chalita, 2004, p.162). Ampliar sua formação é fator primordial para se manter no mercado de trabalho, que não consegue abarcar a todos e prioriza o profissional com perspectiva de crescimento intelectual, que busca o aperfeiçoamento, estuda, amplia seu capital cultural, se mantém atualizado, e com bagagem para enfrentar o avanço desenfreado da tecnologia. O professor tem que ter uma visão aberta ao novo de forma interdisciplinar, para poder manter-se atualizado, nos ambientes escolares e não escolares também.

Capítulo V

Conclusão

A escrita da monografia é um grande desafio para a maioria dos universitários. No meu caso não foi diferente. A escrita deste trabalho se deu em meio ao corre-corre que é a minha vida, a vida de quem a todo custo vive tentando conciliar trabalho, vida acadêmica e vida familiar. Estamos sempre desafiando o tempo cronológico, a capacidade física e mental.

Mesmo tendo feito um pré-projeto e um projeto de pesquisa, encontrei dúvidas sobre o tema, sobre a metodologia de pesquisa, sobre como escrever. Assim a monografia foi se tornando “um bicho de mais de mil cabeças”. É neste contexto que surge a figura da orientadora como alguém que pode contribuir na descoberta de que o bicho não é tão feroz quanto se imagina. Pobres orientadores que tem “que matar um monstro por dia”! Ou pelo menos a cada orientação!

Meu primeiro desafio foi encontrar minha orientadora, visto que o escolhido por mim, no momento do projeto, não me deu retorno. Neste momento, buscava um orientador presente, que se dedicasse muito às questões educativas e que fosse comprometido de verdade com a educação.

Assim, refleti sobre a forma de agir de meus professores e com muita esperança procurei a professora que me incentivou muito no início da faculdade. Talvez ela nem se desse conta de como eu era afetada em suas aulas. Ela falava muito da importância de não ter medo de se expor, da importância de escrever e sempre citava uma frase de Clarice Lispector que dizia: “escrever é duro como quebrar pedras”. O exercício da escrita era fundamental. Estou me referindo à professora Jacqueline Morais, que aceitou me orientar mesmo sabendo das dificuldades que eu enfrentava para dar conta de realizar o curso.

Foi durante uma das primeiras conversas com minha orientadora que decidi que a minha monografia teria a minha própria experiência como tema, afinal meu tema teria tudo a ver comigo, e era algo que me tocava diretamente. Eu iria discutir em minha monografia as dificuldades encontradas pelos alunos trabalhadores do Curso de Pedagogia.

Achei que seria muito fácil discutir esse tema, mas logo percebi que se tratava de um tema inovador, e por isso não tinha muitos estudos teóricos sobre o tema. Diante disso resolvi trabalhar com entrevistas.

Optei por utilizar a entrevista como metodologia de pesquisa. A entrevista por permitir flexibilidade no trabalho de investigação, facilitou muito a coleta de dados, visto que, as entrevistas foram gravadas, e ocorreram de maneira informal, dando a mim liberdade de expor suas opiniões sobre o tema.

Alunos trabalhadores a serem entrevistados é o que não faltava. As entrevistas ajudariam a destacar as principais dificuldades encontradas por eles em sua trajetória acadêmica, possibilitando sugestões que poderiam facilitar a entrada e permanência desses alunos nas universidades públicas.

Comecei a entrevistar os alunos. As entrevistas ocorreram na própria faculdade. Eram gravadas e depois transcritas. As vezes eu tinha que ficar a noite toda no computador para conseguir dar conta de transcrever tudo que foi gravado. Foi um trabalho duro, cansativo, pois neste momento trabalhava no horário de 14h às 23h, e praticamente não dormia, mas esse trabalho me deu muito prazer em fazer.

Como os alunos tinham que trabalhar, e eu também, as entrevistas foram realizadas nos intervalos, entre uma aula e outra, em aulas vagas etc. Eu não desgrudava mais do gravador, queria aproveitar qualquer oportunidade, para conseguir entrevistar alguém.

As entrevistas sempre tinham o clima de uma conversa informal, possibilitando ao entrevistado autonomia e liberdade para responder, pois apesar de conviver com alguns dos entrevistados, seus relatos foram surpreendentes e fundamentais para o enriquecimento da pesquisa. A medida que as entrevistas iam acontecendo eu ia me identificando com as questões expostas por aquele grupo de pessoas, antes eu me sentia isolada. As entrevistas me oportunizaram dividir um pouco as minhas questões e pela primeira vez me sentir incluída.

Com as entrevistas coletadas e transcritas, iniciei a análise das mesmas, foi difícil a escrita, pois eu precisava organizar os dados coletados e dar fundamentação teórica, não conseguia encontrar tempo para ler ou pesquisar, pois precisava dar conta das disciplinas obrigatórias, dos seminários, provas, relatórios, do trabalho e da família.

Dentro desse contexto percebi que nesse ritmo eu não iria terminar o curso de pedagogia nem tão cedo. Eu teria que estender ao máximo a minha permanência na faculdade, coisa que eu nunca quis. Então, decidir tomar uma decisão, muito importante na minha vida,

mesmo sabendo que não podia ficar sem trabalhar: optei por dar continuidade aos meus estudos e parar de trabalhar. Dediquei-me a minha formação e a escrita da monografia. Acredito ter feito à coisa certa, pois pude me dedicar com mais afinco a faculdade e consegui terminar minha monografia dentro do tempo previsto.

A escrita da monografia por mais difícil que seja é fator fundamental na formação do graduando, é a realização de algo que de início parece impossível, essa experiência de produzir a monografia é única e fundamental, me proporcionou um crescimento intelectual e pessoal muito grande. É o prazer de deixar sua contribuição para o mundo.

Pretendo com as questões expostas neste trabalho, ampliar o olhar acadêmico para esses alunos, que precisam se superar todos os dias para continuar estudando e tendo uma formação de acordo com a qualidade que a instituição de ensino oferece.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Laurinda R. et alli (orgs.) O Coordenador Pedagógico e a formação docente- São Paulo: Loyola,2000.

CHALITA, Gabriel. Educação: a solução esta no afeto - São Paulo: Ed. Gente, 2001 1ªed. 2004, edição revisada e atualizada.

CHAUÍ, Marilena (2000). A memória. In Marilena Chauí, Convite à Filosofia. São Paulo: Ed. Ática.

FERREIRA, A.B. H, Aurélio: o dicionário da língua portuguesa. Ed.especial. Positivo. Curitiba: 2008.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à pratica educativa – São Paulo: Paz e Terra,1996(Coleção Leitura).

____ *Professora sim, tia não: cartas a quem ousa ensinar.* São Paulo: Olho D'água, 1997.

LARROSA, Jorge. Nota sobre a Experiência e o Saber da Experiência. Textos - subsídios ao Trabalho Pedagógico das Unidades da Rede Municipal de Educação de Campinas / FUMEC. Leituras-SME, julho de 2001.

LINHARES, Célia... [et al.]; ALVES, Nilda (organizadora). Formação de professores: pensar e fazer- 2ª ed. – São Paulo: Cortez, 1993. –(Questões da nossa época; 1).

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. – 18ª. Ed. – São Paulo: Cortez, 2006.

PRADO, G. do V.T.; SOLIGO, R. Memorial de formação – quando as memórias narram a história da formação...In: Porque escrever é fazer história.Campinas: Graf, 2005.

SAVIANI, Demerval. A pedagogia no Brasil: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008. -(Coleção Memória da educação)

SCHEIBER, Leda & AGUIAR, Márcia Ângela. Formação de profissionais da educação no Brasil: O curso de Pedagogia em questão. Educação & Sociedade, São Paulo, ano XX, nº68. 1999. Disponível em;

http://www.redecaes.com.br/bibliografia_marcia/Formacao%20de%20profissionais%20da%20educacao%20no%20brasil.pdf Acesso em; 18/05/2010.

SILVA, Admalisa Almeida et alli. FFP - Um breve histórico para apreciação do Pioneirismo universitário em São Gonçalo (monografia) / Rio de Janeiro, 1996.

ZEVALLLOS, Pablo, Trabalho Infantil no Brasil: Direitos das crianças S/D, disponível em:

<http://br.guiainfantil.com/direitos-das-criancas/450-trabalho-infantil-no-brasil.html>.

Acesso 20/01/2010

ANEXO- I.

ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. **Em que trabalha?**
2. **Qual é o seu horário de trabalho?**
3. **Qual o seu horário de estudo?**
4. **Qual foi a sua formação no ensino médio?**
5. **Porque escolheu fazer Pedagogia?**
6. **Como você consegue conciliar trabalho, estudo, família, vida religiosa etc.?**
7. **Porque você trabalha?**
8. **Porque os alunos do curso de Pedagogia precisam trabalhar?**
9. **Você conta com alguém para te ajudar a conciliar tudo isso?**
10. **Você pensa em trabalhar na área?**
11. **Em sua opinião o que deveria acontecer no curso de pedagogia para melhorar a vida de quem trabalha?**
12. **O que você pretende fazer quando terminar o curso de Pedagogia?**

Anexo – II.

Entrevistas:

Qual é o seu nome?

Ana Caroline de Azevedo e Silva.

Qual a sua idade, Ana?

Eu tenho 21anos.

E o curso?

Eu faço o curso de Pedagogia e estou no 7º período.

Em que trabalha?

Eu dou aula, no quinto ano de uma escola chamada “Sol”, em Niterói.

Qual é o seu horário de trabalho?

Eu trabalho de uma (13h) as cinco e trinta (17h30min.).

E o horário de estudo?

De sete (7h) ao meio dia e vinte (12h20min.).

Qual foi a sua formação no ensino médio?

Eu fiz o Curso Normal.

Por isso que você decidiu fazer pedagogia?

É exatamente!

Você é casada?

Não.

Tem filhos?

Ainda não. Moro com a mamãe.

Por que escolheu fazer pedagogia?

É meio difícil responder isso, porque sempre quis, sempre quis ser professora, e então fiz o Curso Normal. Sempre quis continuar sendo professora, e fiz Pedagogia. —**Geralmente não é assim, as pessoas dizem que é por causa da lista candidato / vaga.**

Não foi esse o caso. De verdade! Não me imagino fazendo outra coisa!

Você está realizando seu sonho?

Graças a Deus!

E você consegue conciliar bem, o estudo, a família, e sua vida espiritual / religiosa?

É complicado!É muito complicado sobrar tempo, a gente tem que abrir mão de muitas coisas; ontem mesmo (ontem que já era hoje) fui dormir uma hora (1h) da manhã digitando as provas dos meus alunos, porque além de trabalhar, de estudar, de dar conta do planejamento da escola, eu moro muito longe!Eu moro em Ponta Negra-Marica, então eu perco muito tempo com ônibus e é muito desgastante... Muito!Muito!

— **Só o tempo que a gente fica no ônibus...! Agente acaba fazendo desse horário um horário de estudo também, não é?** Exatamente isso!Abre mão de horário de sono, de horário de comida, de horário de lazer para dar conta de tudo, mas graças a Deus eu estou dando conta, eu dou conta dos textos bem, todos lidos, do planejamento no trabalho, mas é muito complicado! Muito exaustivo!

Por que você trabalha?

Pela situação financeira. Eu comecei a trabalhar esse ano porque a situação financeira apertou e graças a Deus surgiu esta oportunidade, que para mim está sendo única.Eu acho que foi e está sendo essencial para minha formação. No caso como aluna, eu acho que um professor se faz também na prática, teoria é muito bom, mas sempre conciliada com a prática.

— **É!Essa questão é muito importante!**

É, mas a situação financeira contribui muito, muito! E eu acho que, se eu pudesse não trabalhar, mesmo assim optaria pelo trabalho, eu acho que todo esforço está valendo apena.

Você optaria, como assim? Largando a Faculdade!

Não, eu optaria em continuar trabalhando e levando a faculdade, porque eu acho que faz parte da formação.

Qual o maior desafio, que você vê nesta questão de trabalhar, estudar, conciliar família?

É! Eu acho que dar conta de tudo é o ponto chave, dar conta das leituras e de entender todos os textos, porque ler o texto é muito fácil, mas entender, questionar, refletir...

— **Às vezes nossa cabeça está tão cheia que a gente lê o texto e não consegue entender nada do que está escrito ali. É verdade. Parece que está escrito em inglês, grego! É verdade!** Então eu acho que dar conta dos textos e também chegar com pique para dar aula,

porque dar aula para criança não é chegar lá e sentar, é falar, é você continuar em pé, falando, questionando, motivando a recreação com as crianças, então, eu acho que tem que ter pique!

Você conta com alguém para te ajudar?

Eu tenho total apoio da minha mãe, porque se não fosse ela eu acho que não daria conta. Às vezes eu paro para pensar nas pessoas que tem família, que tem filhos, que tem casa e eu tenho a sorte de ter uma mãe que me respalda com tudo. Eu chego em casa tem comida, tem casa limpa, roupa lavada, e se não fosse isso eu tenho certeza que não daria conta.

— Tem que ter alguém pra ajudar.

Tem! Tem sim, e eu tenho essa sorte graças a Deus!

O que você acha que poderia acontecer dentro do curso de Pedagogia que pudesse melhorar a vida de quem trabalha?

Eu acho que o que falta são matérias eletivas no horário da manhã, ou no caso de quem trabalha a tarde, mais no turno da tarde, se bem que o turno da tarde é bem privilegiado em relação a isso, mas eu acho que falta um pouco mais de distribuição mesmo para as matérias.

— Eu já pensei muito sobre isso, no meu caso também, eu já estou terminando e ainda não fiz nenhuma eletiva porque eu não posso vir à tarde e nem à noite .

No meu caso, até então, eu contei com a boa compreensão dos professores em relação a horário, quando eu preciso sair um pouco mais cedo, eles entendem. É lógico que eu explico o porquê, e também cumpro as tarefas. Então, em relação a horário é tranquilo, mas em relação à distribuição da grade, eu acho que isso poderia ser repensado.

Em relação ao futuro, o que você pretende fazer, quando terminar o curso?

Eu pretendo imediatamente entrar na pós-graduação, eu acho que não pode deixar parar. —**Se acomoda!** É se acomoda! Eu estou estudando já para isso, já pesquisei, procurei bibliografia, já estou de olho, e se Deus quiser estarei no Mestrado. —**Que bom! Eu também pretendo isso.** Eu acho que a gente não deve deixar parar o ritmo, e também o profissional de qualidade que eu pretendo ser... Também faz parte. —**O mercado de trabalho cada dia exige mais.** É verdade! —**Antes era só você ter o então 2º grau.** É verdade! É verdade, agora a faculdade já é pouco, daqui a pouco o mestrado vai ser comum. —**E ainda tem pós Doutorado! E assim por diante, e a gente continua na luta!**

E venceremos! Se Deus quiser!

Obrigada!

Se Deus quiser venceremos.

Qual o seu nome?

Andréa Correia da Silva.

Idade?

Quarenta anos.

Curso?

Pedagogia, 8º período.

Em que você trabalha Andréa?

Sou merendeira escolar há cinco anos na rede Municipal de São Gonçalo e costureira autônoma, tenho uma confecção em casa.

Qual o seu horário de trabalho?

Atualmente eu trabalho das quatro horas da tarde (16h) em diante, o certo seria largar às dez da noite (22h), mas eles liberam a gente antes das dez horas (22h).

Mas eles liberam vocês porque são bonzinhos, ou porque é lei?

Não! Não! É o colégio que permite. A nossa direção que permite isso. Pela lei nós seríamos obrigados a cumprir o horário e ficar até o fim, mas como nossa função é fazer a merenda, servir e limpar, quando terminamos não há necessidade de ficar no ambiente de trabalho, mesmo porque, não são crianças e sim adultos, então eles não dependem da gente para mais nada, então a gente pode ir embora pra casa... Graças a Deus!

E qual o horário que você tira para o estudo?

Isso é muito complicado... Como eu vou dizer...? Quando chega o final do dia eu estou um bagaço, tanto físico como mentalmente, não dá pra raciocinar nem ler o texto, porque eu vou dormir em dois tempos. Então, eu acordo de madrugada, porque costumo acordar quatro e vinte e cinco (4h25min.)..., cinco e vinte e cinco (5h25min.)... sempre nesse horário, assim a casa está toda em silêncio e eu vou ler o texto e fazer as coisas da faculdade, é uma loucura. Você viu que eu cheguei atrasada hoje na aula? eu estava digitando o meu texto e o computador da sala começou a dar problema, todo semestre isso acontece! Como estava com problema eu corri para o laptop, mas o laptop não está grudado em uma impressora, de qualquer forma tive que copiar para ir para o computador da sala imprimir, então acabo chegando atrasada nas aulas. Na verdade deveria ter Pedagogia à noite, seria ótimo, mas até agora ninguém se movimentou quanto a isso.

E nós temos essa proposta?

É, desde que eu comecei eles lutam por isso, mas até agora nada surgiu. Outras pessoas já começaram e o horário continua manhã e tarde.

E a sua formação no ensino médio?

Técnico em Contabilidade.

É casada?

Não, oficialmente, mas vivo com meu marido há onze anos.

Tem filhos?

Tenho um casado, uma de vinte um ano e uma casula de cinco anos, quase seis.

Você que fez o segundo grau técnico em contabilidade, porque decidiu fazer Pedagogia?

Porque eu fui parar no meio da educação. Eu entrei na escola como merendeira, e no início eu estava voltada a aprender só aquilo que eu tinha que fazer porque eu nunca havia feito comida para uma quantidade enorme de pessoas, e depois disso foi que eu me adaptei ao trabalho, então eu comecei a observar a convivência das crianças com os professores, com o meio escolar e comecei a prestar atenção nas coisas que acontecia ao meu redor, em termos de educação... Aí tentei a faculdade, duas vezes para Direito e na terceira vez eu tentei para Pedagogia, e foi assim... Eu tentei Pedagogia, mas eu poderia ter tentado: Letras, História, Geografia, principalmente História e Letras, porque português é a minha melhor matéria, minha melhor disciplina, e História eu sempre gostei, mas sei lá, Pedagogia é diferente, você não vai dar uma disciplina, você vai compreender o que é a Educação, você vai se especializar na Educação, é diferente de você ser professor de História, professor de Letras. Tanto prova da verdade é isso, que nós temos vários professor que fizeram uma cadeira e depois na pós-graduação fizeram na área de educação para conhecer o que é a educação.

Você falando isso, eu fiquei pensando, porque que as pessoas que fazem Português ou Matemática ou qualquer outra matéria discriminam tanto o curso de Pedagogia?

Talvez porque não tenha a visão de como é importante. Eu comecei o curso em 2005, e está escrito isso na minha monografia, cada vez mais eu fui convivendo e aprendendo teoria e prática, e vou compreendendo mais ainda, e uma coisa que me deixa muito triste é em relação à política, cada vez menos eu sinto vontade de me envolver com política. Aí todo mundo fala: “Você tem a consciência do que está errado, você tem que se posicionar!” Eu sei, eu sei em quem não votar, mas isso é o mínimo, isso é o mínimo que eu posso fazer, na verdade nós estamos de pés e mãos atadas, cada vez mais você vê, eles fazem leis que encobrem as coisas erradas que eles fazem e fica por isso mesmo, vamos fazer o quê. O que eu Andréa, o que você pode fazer? Podemos sim, ser bons professores, conscientizar nossos alunos para ver se

através deles seus pais tomam consciência de que política não é troca, isso não é troca, a pessoa tem que ser posta no poder porque é realmente uma pessoa comprometida com a sociedade. Quem é de São Gonçalo sabe como está São Gonçalo! Está horrível! Em termos de saúde, em termos de vias de circulação, está tudo um relaxamento só, mas votaram e votaram de novo, a colocaram novamente no poder. Eu acho que, as pessoas que desvalorizam a Pedagogia desvalorizam porque não tem conhecimento a fundo do valor que é ser um Pedagogo. O que é ser um Pedagogo? Vou dizer! Tem muita gente que está no nosso curso como aluno e ainda não caiu a ficha do que é ser um Pedagogo — **É verdade!** É uma responsabilidade muito grande, vejo as pessoas falarem: “Paulo Freire, é um saco”. Olha, eu sou suspeita pra falar porque eu me identifico com Paulo Freire, seja lá do jeito que ele for. Ele era sonhador e fez tudo que achava correto fazer, ele trabalhou com a educação popular do jeito que ele acreditava ser o melhor a fazer, então que me julguem sonhadora, teimosa, fora do ar...! E eu digo isso na minha monografia também. A galera do trabalho que era mais chegada a mim acha que sou uma pessoa sonhadora e me criticam por eu acreditar nessas coisas, em Paulo Freire, em Roger, que vem antes de Paulo Freire e era Psicólogo, e que deixou a psicologia para trabalhar dentro da educação, se isso fosse uma coisa tão improvável você acha que um homem, um psicólogo, ia largar a área médica para se envolver com a educação? Não! Ele viu o que eu vejo, o que Paulo Freire viu dentro da educação. A educação é o modo de você conscientizar, como Paulo Freire diz “Politizar” a sua sociedade, seus alunos, seus jovens. Não sei se você estava na aula, eu trouxe para aula de Educação de Jovens e Adultos uma reportagem da revista Magazine do jornal O Globo falando sobre a virgindade, lembra? que os jovens agora não querem mais sair transando a torto e a direita, querem se guardar para quando encontrar a pessoa certa, e isso não é por causa do pai, da mãe ou da sociedade, mas o que faz um adolescente pensar assim? Não foi sozinho, alguém que ele teve contato como no filme que a gente viu “Pro dia Nascer Feliz”, que a menina fala: “Essa professora saca tudo! A professora de Filosofia sabe tudo!”. Por quê? A professora de Filosofia foi lá e ajudou ela a resolver um problema que foi gerado dentro da família. —**A professora saiu daquele lugar de professora. Isso!—E foi lá, e procurou ajudá-la, de uma forma amigável.** Isso aí... —**Falando a mesma língua que ela.** Isso aí!—**Entendendo os problemas dela.** Isso mesmo! A visão de professora é essa, porque se eu estou na faculdade é por causa de uma professora do 2º grau, a que mais insistia que eu ia conseguir era a “Fátima”, nós éramos mais que professora e aluna, o pessoal achava até que eu era filha dela porque o nosso relacionamento era muito próximo, eu fui sempre assim com todos os meus professores em termos de relacionamento, mas têm pessoas que tem dificuldades de se relacionar, e, cabe

ao professor assim ter um jogo de cintura para poder fazer essa relação acontecer... **—É que as coisas fluem melhor quando há essa relação, do professor com o aluno.** O Professor fica lá longe como se fosse um pedestal, “eu sou o professor, você é o aluno, eu escrevo, eu passo no quadro, você anota”, fica difícil. As pessoas muitas vezes têm medo de ser reprovado, mas é melhor quando há uma relação de verdade, uma relação como eu tenho com você, como eu tenho com outras pessoas que nem são alunas, entende, porquê não pode haver uma relação de verdade entre o professor e o aluno? Eu não estou falando de gênero: homem/ mulher, não importa, eu estou falando de relacionamento de cumplicidade, de tudo que eu já li de Roger e de Freire, “você não vai ensinar e eu não vou aprender se eu não quiser”, entende! Você pode ficar gastando aí na frente todas as técnicas para fazer uma aula e eu não estou nem aí pra você. **—Porque não há ensino sem aprendizagem...** Isso aí, então, o aluno tem que querer, ensinar é uma parceria, você não dá aula sozinha, você precisa de seus alunos para isso, e pra isso você tem que conquistar. Tem que ter uma amizade, um relacionamento, porque não existe dar aula sem se relacionar, ainda que o relacionamento seja tempestivo, porque tem alguns alunos levados, mas agente tem que saber aprender, se não sabe, tem que aprender a confrontar.

E como que você consegue conciliar, trabalho, família, vida pessoal e religião?

Eu entrego nas mãos de Deus, segunda feira eu fui rezar, fui pedir a Deus proteção, porque a carga está pesada. Ontem eu estava com vontade de chorar devido ao que te falei que está perto da minha licença e meu chefe já vem dizendo que talvez não seja liberado, mas eu tenho fé, e nada acontece na minha vida na hora errada. Eu tenho um trunfo na manga que eu não usei ainda, eu tenho uma operação suspensa pra fazer e não fiz, então, se eu não conseguir o afastamento que eu tenho direito eu vou procurar o afastamento por meio de termos de saúde, mas eu não queria utilizar isso, é isso que eu estou te falando da política, entendeu, eu faço cinco anos agora 17 de julho, eu tenho direito, não é dado, não é de graça, eu trabalhei durante cinco anos para isso e pelas regras de um funcionário público dentro da Prefeitura Municipal de São Gonçalo eu deveria ter direito ao descanso de três meses recebendo sem trabalhar, quando chega a minha vez de ter esse descanso há sempre um, porém, não pode! Não pode por quê? Se eu cheguei no limite de cinco anos e um mês depois de ter vencido os cinco anos, eu tenho direito pela lei de tirar essa licença a prêmio, são essas coisas que... O meu sonho era de me tornar uma funcionária pública e depois que me tornei uma funcionária pública meu sonho é deixar de ser uma. É! Não quero mais, ontem eu estava com vontade de chorar por isso, porque eu sou uma pessoa que não aceito injustiça, não aceito, não aceito, não gosto dessas coisas, injustiça, trapaça, não gosto, eu tenho verdadeiro horror à política por causa

disso, porque é uma sujerada é uma bagunça que eu quero distância, então é assim, eu sou uma pessoa que nunca teve medo de trabalhar, já trabalhei na rua com carrinho de mão, vendendo mercadoria, já fui camelô, então eu fico me olhando e pensando, gente! O quê que eu estou fazendo ainda aqui, nesse trabalho! Todo mundo vem e fica dizendo: “Você pagou, não foi de graça, você não entrou por causa de um político, você estudou pra fazer o concurso. —**Foi mérito seu.** Entendeu? Você fica lá por causa da estabilidade, você fica preso ao trabalho por causa da estabilidade que tem esse trabalho, e eu fico pensando se não seria melhor quando eu saísse daqui hoje ir para minha casa sentar na minha máquina e produzir, ganhar dinheiro de verdade, livre! Sabe o que é livre? Dona do meu nariz, da minha vida, longe de barganha, de preferência, porque eu sou apadrinhado de tal fulano, assim, assim... Você é cobrado em um meio em que as pessoas dizem: “Eu não vou fazer”! “Na cara do chefe e não fazem, e estão lá”. Aí você tem a sua faculdade, você está querendo crescer você quer terminar seus estudos e você é cobrado, você falta levando um documento do que você tinha, como segunda feira, que nós fomos visitar um colégio com a professora de estágio supervisionado, quando eu cheguei no trabalho a chefe estava com a cara desse tamanho, no entanto, não é a ela que eu tenho que prestar satisfação é ao meu dirigente de turno, ela não vai pra cozinha fazer a comida junto com minhas colegas, quem vai fazer a comida é Rosângela e Doralice, e elas foram avisadas. Eu fiquei sozinha, eu fiz a comida toda sozinha. Rosângela teve que viajar, e o cunhado de Doralice faleceu e ela foi para São Paulo ficar com a irmã. Você acha que alguém veio pra cozinha, você acha que minha chefe arregaçou as mangas e veio pra cozinha? Não, não! —**Você ficou sobrecarregada!** Eu fiquei sozinha! Então, por que ficar em cima de mim quando eu falto por uma necessidade, falei ontem para ela: “Me devolva para secretaria de educação, mas eu não vou trabalhar à tarde, eu sai do meu colégio que era um colégio “miudinho”, que era um colégio de bairro, colégio onde as crianças todas me conheciam, as professoras já me conheciam há anos. Eu sou daquele bairro, eu sou daquele lugar, eu larguei a minha escola e fui para uma escola enorme, onde ninguém me conhece, onde eu não conheço o caráter de ninguém porque eu precisava pegar no trabalhar às quatro horas da tarde (16h), aí agora veio com piadinha que eu preciso ir para o horário da tarde, eu falei pra ela, vão me devolver, vão me devolver, porque eu não posso trabalhar no horário da tarde, se eu pudesse trabalhar à tarde, eu estaria no Florisbela e não aqui! E fiquei mal, o resto da noite.

Qual seria o horário da tarde?

Meio dia e meia (12h30min). — **Não teria como conciliar?** Não, no Florisbela eu chegava uma hora da tarde (13h) por causa das aulas aqui, e nesse semestre eu precisei pegar

disciplinas à tarde, tanto prova da verdade é, que eu vou entrar na aula de História daqui a pouco e só saio às duas e dez da tarde. Eles precisam! Olha, se não compreenderem eu peço exoneração, peço licença sem remuneração, faço qualquer negócio, e sabe, não é que eu seja pretensiosa, mas eu me conheço como trabalhadora, não sou pessoa de ter medo de trabalho, eu já trabalhei três meses no Florisbela sozinha porque a prefeitura não mandou substituta pra minha colega que estava de licença a premio. Entendeu a situação? Se eu precisar trabalhar eu vou trabalhar. Se eu largar a prefeitura..., como vou explicar, se eu deixar a prefeitura vai ficar um espaço de tempo meu, eu não vou ter mais que sair do Porto da Pedra e ficar de quatro horas (16h) até o final do turno de trabalho longe da minha casa, do meu outro trabalho, da minha faculdade, vai ficar mais organizada minha vida, mas eu ainda preciso me ajoelhar e orar a Deus para Deus me dar essa resposta, porque eu aprendi a não fazer nada por impulso! Na hora que eu estou ansiosa, estou nervosa, estou agitada, com problemas de saúde, meu pai está com problemas de saúde eu sou a filha mais velha, então é toda uma carga que muitas vezes os professores nem sabem. Nós vivemos com vários tipos de pessoas aqui na faculdade, e do mesmo jeito que tem eu, que sou uma pessoa adulta, responsável e com várias coisas pra fazer e dar conta, muitas vezes por causa de colegas que não levam realmente muito a sério, são novos, têm mais tempo de vida “supostamente falando”, porque o dia de amanhã a Deus pertence, você pode morrer com quarenta , com vinte, com vinte dois anos, não é isso, é que eles agem como se tivessem todo tempo do mundo, eu estou falando isso de cadeira, eu tenho uma de vinte e um em casa que age assim, então por essas atitudes os professores muitas vezes globalizam, generalizam, colocam todo mundo no mesmo pacote, não sabem diferenciar entre aqueles que têm realmente problemas. Quando eu me inscrevi no vestibular, eu me inscrevi por cotas, como quem sempre estudou em colégio público, se eu tivesse uma condição melhor socialmente falando, economicamente falando, eu não teria feito isso, entendeu?—**Pior fui eu que me inscrevi por cotas e não consegui, não consegui a cota!**Eu também não consegui não, não sei por que, mas não consegui, quando eu fiquei sabendo o procedimento já não adiantava mais, eu já estava mais para o fim que para o começo, para quê que eu iria lá discutir uma coisa que já era passado. Então, eu não sou uma pessoa que posso ficar sem trabalhar, normalmente a gente daqui, que já “dobrou o cartão da boa esperança”, já passou dos trinta, são pessoas que têm necessidade de se manter, não têm condições de ficar dependendo de pai ou de marido, ou de mãe, não tem! A gente tem que ajudar é o contrario, agente precisa de nossa renda para ajudar a coisa em casa se movimentar, para andar. —**Até mesmo pra se manter aqui.** Até mesmo pra se manter aqui, coitada de mim se não fosse meu marido, hoje mesmo peguei cinco reais na carteira dele, dá pra vir andando, mas eu já estava

atrasada, deu problema no computador na hora de digitação, essas coisas de imprevistos sempre acontecem, não adianta, e às vezes os professores não compreendem isso. Têm professores que levam as coisas muito no fio da espada e não levam em conta os imprevistos que acontecem. Ah! Você tem a sua porcentagem de faltas, então, a porcentagem é essa, se depois dessa porcentagem o filho passar mal, mãe e pai passar mal, não interessa, está com falta! Então, eu acho que esse proceder, assim não é correto, eu acho que cada falta tem que ser analisada, por isso que naquele dia que houve aí um evento eu cheguei já tinha começado, mas eu acabei participando, eu acho que você também participou, que você foi lá na frente representar e tudo, lembra?—**É sobre as mulheres que engravidam durante o curso!** Isso é isso mesmo! Eu falei, “se você tiver algum problema e precisar se ausentar não conte com professor, vá procurar sua coordenação de curso, vá procurar as pessoas que são responsáveis pelo seu curso, leve os documentos, sua documentação e xerox, tudo direitinho, para eles fazerem o professor decidir o que eles vão fazer com você, porque do contrário você vai ser reprovada, como eu já fui, —**eu também.** Levei um tombo e me machuquei, a primeira vez fiquei afastada dezoito dias, e a segunda vez, quatorze dias e fui reprovada, e assim em uma das disciplinas eu fui reprovada. Então eu acho assim, quem é trabalhador, tem seus problemas, é dona de casa...agente que está tentando continuar os estudos, mesmo depois de ter uma vida já cheia de afazeres deveria ter...não é privilégio, é uma consideração a mais. Então, para quem trabalha é uma barra muito grande, eu sinceramente estou muito estressada, sinceramente, esse ano estou muito estressada, essa doença de papai...Hoje de manhã eu soube da notícia, que tem outro parente meu com essa doença, que do seio passou para a cabeça e tomou conta do lado direito todo, como você acha que eu estou? Até agora meu pai tem apresentado melhoras assim..., maravilhosas!E que Deus continue fazendo isso, por mim e por ele, mas, a mamãe eu não consegui, a doença já estava em estágio avançado, então eu já tenho um sofrimento causado por essa doença, e estou vivendo outra situação, da mesma coisa, e meu coração vive aos pulos, que do mesmo jeito que está tudo muito bom, muito bem, pode acontecer o que aconteceu com esse outro parente, em um momento estava assim e agora já tomou conta de uma parte do cérebro dela, já modificou a visão, já está com dificuldade de enxergar, aí juntando isso têm os estresses da casa, de quem tem filhos adolescentes para tomar conta, entendeu! É uma preocupação muito grande. Você perguntou como eu concilio vida conjugal, eu sou uma pessoa que não guarda resto para janta, então quando eu vejo que tem alguma coisa caminhando errado, entre eu e meu esposo eu chamo atenção, chamo para conversar, chamo pra falar, porque quando nós nos juntamos eu deixei claro, bem esclarecido o que eu não aceito em uma união, entendeu? Então quando eu vejo

que aquilo está se afastando do que foi combinado no início eu chamo pra conversar, porque o dia a dia, o estresse, acaba causando vários problemas, a minha vida é corrida, ele tem a vida dele corrida, e todos os dois trabalhando em prol da mesma coisa... Eu tenho quarenta anos, ele tem quarenta e um anos, quando ele estiver da idade de meu pai (assim eu espero), que a gente já esteja com nossa vida firmada e que nossos filhos também já estejam. —**Seu esposo também estuda?**

Meu marido! Não. Ele é eletricitista, não está trabalhando mais porque ele está sem uma visão, então ele parou de trabalhar como eletricitista porque requer uma boa visão. É dono de um escritório, ele e mais um, mas a profissão dele é eletricitista. Nessa situação eu procuro não deixar meu casamento de lado, eu e ele, mas em contra partida eu desacelerei de casa, eu tenho duas moças dentro de casa, uma fez dezessete anos ontem e a outra vai fazer vinte dois anos em setembro, a minha vida é muito mais complicada do que a delas, muito mais complicada. Ontem eu trouxe meu almoço todo pronto: feijão, arroz e carne moída, já saí de casa falando pra minha de vinte e um anos, “não esquece, a comida está toda embalada em potes de sorvetes é só esquentar, por favor, não esqueça! Porque é assim... ficam no computador toda vida, ficam vendo televisão toda vida, é capaz de eu vir estudar a manhã toda, voltar e o troço está parado do jeito que estava antes. Eu me estressava quebrava o pau, agora é como se eu não visse nada, se você chegar comigo eu vou dizer “não liga não elas estão muito ocupadas e não tiveram tempo de limpar, vamos subir para o ateliê...”, antes isso me incomodava, antes isso me deixava com os nervos à flor da pele, agora não, eu tenho que priorizar o que é importante para mim. A louça, e a casa é só minha? Não! A única coisa que eu tenho só meu é a minha faculdade, isso aqui é para mim, então eu tenho que ter prioridade. Eu chego em casa á noite. Eu e meu marido não jantamos, normalmente eu passo na padaria e levo pão quentinho para fazermos um lanche, aí eu pergunto para minha ninha se ela jantou; se ela não tiver jantado eu dou janta pra ela. Muitas vezes minha enteada está em casa, já teve dias de acontecer da pequenininha não jantar e dez horas(22h) da noite reclamar de não ter jantado, aí eu falei pra ela: “Quando mamãe não estiver em casa, 18:30h...19:00h no máximo você vai pro banheiro, toma banho, penteia seu cabelo e vê sua roupinha. Você já sabe fazer isso, (e eu sempre deixei ela fazer isso), e quando eu chegar, se você ainda não tiver jantado, me fala, não fique esperando por suas irmãs. Se ver que eu estou demorando, porque estou no Divina Luz e ainda não cheguei, você fala com sua irmã: “Núbia bota comida pra mim, Priscila bota comida pra mim, para elas não esquecerem de você. Porque se eu chegar e você disser pra mim que pediu e elas não colocaram aí a casa vai cair na cabeça delas, porque aí é

brincadeira, tem que ter o discernimento de que a criança tem que ser cuidada. Não é fácil não! Não é fácil !

Porque você acha que os alunos da pedagogia precisam trabalhar?

Porque são de classe pobre, essa que é a verdade, nós somos pobres. Eu nunca tive a pretensão de ser médica, Doutora (Doutora sim em Direito), mas depois eu descobri que não é o advogado que muda as leis, são os políticos que mudam as leis e eu não quero ser um político, jamais! Eu quero distância da política. Eu queria ser advogada porque quando tive meu filho eu era de menor e não pude registrá-lo, aí eu queria mudar essa lei, eu queria que nós tivéssemos esse direito. **Como você fez para registrá-lo?**

Meu filho é como se fosse meu irmão, meus pais registraram como filho deles, sem a minha permissão, isso é crime! Se eu tentar reaver meu filho como meu, quer dizer, mudar o registro, meu pai vai pra cadeia, então está assim até hoje, e pelo visto não vai mudar, só se Deus der a benção de acontecer alguma coisa, e se for a juízo... Então eu prefiro comprar algo e deixar no nome dele do que prejudicar meus pais, agora só meu pai, porque a minha mãe já faleceu.

Outra coisa que eu queria como advogada era criar leis de proteção às mulheres que são espancadas pelo marido, como eu fui. **A Lei Maria de Penha!** Menina, a melhor lei do mundo é essa! Adorei! Fiz a maior festa, me senti realizada com essa lei, mas essa era minha intenção na advocacia, além de mudar a lei e permitir que uma pessoa de menor registre seu filho, proteger as mulheres dessa “homarada” cretina que adora bater em mulher, porque bater em homem não é muito bom, mas se for uma mulher arredia como eu vai acabar chegando o dia em que vai acontecer o que aconteceu comigo, foi aí que ele deixou de me espancar, quebrei ele na pregada! —**Ele descobriu que você também tem mãos!** Isso! Eu nunca quis ser Médica, Dentista, nada disso, é como eu falo na monografia e a professora Helena deixou em dedicatória no livro que ela me deu, ela falou que eu já nasci educadora, só que eu não sabia e eu não admitia, apesar de achar que a gente nasce com habilidades. O dom de dar aula é muito importante em uma pessoa, qualquer que seja a sua opção, temos ótimos médicos e péssimos médicos. O curso de pedagogia é literalmente formado por pessoas que precisam ir á luta, que precisam se sustentar, até mesmo para se manter na faculdade, só pela quantidade de xerox que a gente tira é impossível não ter um trabalho. Ao menos que você tenha pai e mãe te custeando, marido... O meu ajuda! Quem sou eu com meu salário da prefeitura? Não faria a metade do que eu faço, livros bons eu tenho vários em minha casa, livros bons que as professoras indicam, mas foi com meu dinheiro, foi com ajuda do meu marido. Todo mundo diz que você está louca, no final da faculdade você reabrir a

confeção...! Eu abri a minha confecção de novo porque é o momento, a hora de você reabrir uma facção é agora, é essa época do ano, até o fim do ano que o pessoal da facção está precisando de você como costureira, então é hora de você se firmar no mercado de trabalho, depois quando ralear, se você for boa no que faz você fica, se você for mais ou menos eles vão te deixar de lado, entendeu?

Quais são os desafios de estudar, trabalhar, ter família e ter vida pessoal?

O meu maior desafio! Olha, o meu maior desafio é a necessidade de terminar essa monografia, têm várias histórias, histórias que eu ainda não digitei, entendeu? Tem muita coisa pra contar, mas falta tempo pra digitar, no momento o meu maior desafio é encontrar tempo para digitar minha monografia. A professora Helena mandou que eu lesse o livro da Regina Leite Garcia, sobre organização escolar, já estou no final do livro, mas e aí, você lê, mas não é pra você repetir na sua monografia o que você leu, portanto você vai ter que desenvolver um raciocínio lógico sobre aquilo que leu com aquilo que você escreveu na sua monografia, fora isso, Roger, Freire e todos os teóricos que eu quero falar. Eu sei tudo isso, mas o desafio está sendo esse, organizar meu tempo para encontrar o momento que seja da monografia, e eu ainda não conseguir fazer isso, e isso está me deixando com o coração na mão. Eu sei da minha responsabilidade, até o final do semestre eu tenho que ter cumprido o que ela mandou, além do que ela mandou já consegui montar meu questionário de perguntas, já digitei, já mandei pra ela, ela já reformulou alguma coisa para eu corrigir e enviar de volta, então, meu maior desafio é esse, terminar minha monografia. Que Deus me ajude!

Você conta com alguém para te ajudar a conciliar, tudo isso?

Por livre espontânea, como diz a professora de “Gestão” por livre espontânea “coordenação administrativa”, eu é que mando, eu é que coordeno. Quem administra minha casa sou eu, quem manda sou eu e as pessoas me ajudam por tabela, se eu disser que essa ajuda é espontânea eu estaria mentindo. Então, eu faço. Eu sou uma boa administradora, tenho que admitir, nesse ponto eu sou, eu sempre falo para eles: “agente vive numa comunidade...” Eu já acordo de manhã falando porque eu acordo muito cedo, depois da faculdade não consigo mais acordar cedo, não consigo mais virar a noite como antes, antes eu conseguia virar a noite, antes eu tinha forças para ficar a noite toda. O meu organismo me avisa que eu preciso parar, dormir pelo menos quatro ou cinco horas por noite. Quem organiza essa ajuda sou eu, o meu marido é incondicional, ele me ajuda porque ele se sente orgulhoso de eu ser quem eu sou, somos pessoas muito parecidas, mas completamente diferentes, porque ele não tem saco nenhum para ler e estudar, em contra partida eu leio tudo. E já falei..., falei ontem pra minha enteada conversando com ela, falei que eu realmente vou ler os meus livros que são ótimos,

maravilhosos, sabe quando eu vou ler esses livros com prazer, quando essa faculdade acabar, aí eu vou retornar a “Pedagogia da Autonomia”, “Pedagogia do Oprimido”, “Professora sim tia não”, “A monografia da menina que fala sobre Kal Roger”, todos esses livros, eu tenho livros de Kal Roger que eu quero ler, não quero ler por obrigação, eu quero ler porque eu gosto de ler, eu sempre falava isso pra Simone e Simone nunca me entendeu. Eu sempre fui leitora, desde onze anos de idade eu leio, ou melhor, desde antes, antes eu lia gibi, quando eu peguei onze anos pra lá, passei a ler livros, livros sem desenho, romances, livros de mistérios, sempre gostei de romances de época. Então, eu sempre fui leitora, o problema para mim como leitora é a obrigação que você tem, como na aula de hoje, o texto era ótimo, mas as perguntas estavam enlouquecendo a cabeça de qualquer um, eu li o texto, se você me perguntar sobre administração eu vou saber, tanto que eu estou falando pra você que eu sou uma boa administradora, eu sei tirar das pessoas o que elas têm de melhor, claro que quando não dá eu não me estresso, antes eu me estressava, agora não, não deu está bom, faz amanhã...até a hora que eu achar que está no limite então eu venho e chamo pra conversar, levo para o meu quarto, chamo atenção, mas tudo isso dentro da educação, eu não gosto que gritem comigo, então eu procuro não gritar com ninguém.

Você pretende trabalhar na área depois de formada?

Se eu ti disser o meu projeto de trabalho... Eu vou fazer o concurso da Infra hero dentro da área Pedagoga e vou continuar tentando concursos que não seja para prefeitura nenhuma, dizem que a prefeitura vai colocar concurso agora para o segundo semestre para professora, mas eu gostaria de trabalhar no caso como “Professor I” com as meninas do pedagógico. —**Porque, não gosta de criança?** Gosto, o que eu não gosto é da situação da educação, eu convivo nesse meio e é muito complicado, é muito confuso, Eu vou fazer o concurso da Infraero dentro da área Pedagoga e vou continuar tentando concursos que não seja para prefeitura nenhuma, dizem que a prefeitura vai colocar concurso agora para o segundo semestre para professora, mas eu gostaria de trabalhar no caso como “Professor 1” com as meninas do pedagógico. a minha Amanda tem cinco anos e eu já estou começando a ensinar, a fazer pesquisa, eu não procuro nada para Amanda, ela que procure! Eu digo pra ela: “Sua professora quer isso, isso e isso...” Onde tem? Nas revistas aí, pode olhar, e ela começa a olhar. É assim que se começa uma pesquisa, a buscar, a procurar, e agente não tinha no quinto período da faculdade essa consciência do que era uma pesquisa, pesquisar não é você achar o que o outro escreveu e re-copiar, ou colar. Quando você terminar a pesquisa tem que tirar alguma coisa pra você dali, alguma coisa que você possa ir dar uma aula ou uma palestra, você possa citar, falar com as suas palavras. Ah...! Em tal pesquisa assim, assim, isso

aconteceu, isso trouxe isso e isso para mim, eu pude ver isso assim, assim, analisando isso assim, assim. Então, o meu projeto maior é isso, é montar uma biblioteca, onde eu possa desenvolver um trabalho com as crianças, mas para isso eu preciso do apoio das escolas, porque na quarta série já tem muitas meninas com doze, treze anos, e eu gostaria assim de fazer um trabalho com elas de conscientização, de que elas podem fazer trabalhos em casa: Bijuterias, pintura em tecido e ganhar dinheiro para elas, render um dinheirinho para elas sem precisar você ver certas situações que eu vejo no meu bairro, fazer aquela criança saber que elas podem produzir em vez de ir ficar pedindo esmolas, porque todo mundo faz vista grossa. No outro dia eu botei o garoto para ir estudar, eu estava com meu pai no hospital e ele veio para me pedir esmola, eu fui olhei pra ele de cima a baixo e perguntei pra ele: Sua mãe sabe que você está aqui? Ele falou, não, não sabe não! Você está com uniforme do colégio, você era pra estar na escola, e essa hora era pra você já ter entrado na escola, deixa eu ver o nome de seu colégio, ele foi e se esquivou, eu falei: se eu fosse você eu ia pro colégio, eu vou lá dentro e não quero voltar e ver você aqui, vá pra escola, isso está errado, a sua mãe deve estar trabalhando e deve estar pensando que você está na escola. Sumiu! A menina do balcão ficou me olhando séria eu falei pra ela: Muitas vezes vocês acham que a mãe sabe que está aqui, e não sabe. O meu filho na quarta série matou aula pra ir tomar banho na praia da luz e eu não sabia, a minha irmã imitou minha assinatura, respondeu bilhete de professora, pintou os canecos e eu aqui de boba, aí eu estava terminando o segundo... Eu fazendo a formatura de segundo grau e ele sendo reprovado na quarta série, eu quase enlouqueci, eu pedi a minha mãe que tirasse ele da minha frente, minha vontade era de esganar ele, não era nem pelo fato de ter repetido ano, era mais pela trapaça, eu nunca criei meus filhos presos, eu sempre dei liberdade aos meus filhos, então ele não tinha necessidade de matar aula que era uma coisa seria pra ir tomar banho na praia da luz, levando em consideração o fato da gente todo final de semana que tinha sol se mandava para praia de manhã e só voltava de noite, então eu achei aquilo uma traição, uma falta de consideração comigo que tentava ser uma mãe diferente do que meus pais foram pra mim. Esse negócio de prender filho em baixo da saia... Não faz isso, não faz aquilo, está errado! Você pode tudo, desde que você tenha discernimento e capacidade para saber o que é certo e o que é errado, porque você tem que ser responsável pelas suas atitudes. É como eu falo na questão de ensinar, você não pode querer impor a educação, a educação deve ser algo que a pessoa queira aprender, tem que partir do aluno a vontade de aprender, e o que você está ensinando tem que fazer sentido pra aquela criatura.

Mas alguma pergunta? **Não. Você respondeu a todas. Muito obrigada!**

O que eu tenho pra dizer em relação a tudo é: A minha vida é uma loucura! É! Mas eu não abriria mão da minha faculdade de jeito nenhum, mudei muito desde que comecei o curso, aprendi muita coisa, principalmente a ter muito mais paciência do que eu tinha antes, eu era muito menos paciente do que sou agora, e tenho outra visão, não sou mais aquela pessoa que começou a faculdade, não tenho mais aquela visão anterior, tenho mais capacidade de... Bem... O dom da palavra eu sempre tive. Assim são livros espirituais, eu li um, no final do livro, na contra capa, o autor escreve: "... Aqueles que querem ter o dom da palavra devem começar praticando a verdade, sempre a verdade". Essa consciência eu já tinha comigo porque eu sou uma pessoa sincera e às vezes isso até incomoda, mas no nosso trabalho tem que ser sincero, ser primordial para o seu aluno te respeitar. **—Porque senão você fala uma coisa hoje e amanhã você age totalmente diferente de maneira totalmente diferente, e a criança presta atenção naquilo. É, a criança percebe que ela diz uma coisa e faz outra.** Isso, isso! Ela diz x e a atitude dela é y, ela discursa uma coisa e faz outra. Então, é melhor você ser simples. Têm pessoas que falam: você acha que vai ficar fazendo oficina todo dia, todo ano na sala? Você tem que cumprir, dar conta, eu sei, mas dentro da sala de aula a forma que eu vou cumprir é problema meu. Eu estou lendo um livro da Regina Leite Garcia, tem uma professora que foi muito criticada, ela chegou pra dar aula e era jogo da copa, então as crianças só falavam de Brasil e Marrocos, ela estava com o planejamento, mas teve que deixar de lado e começou a falar de Brasil e Marrocos, e a dar aula, e as crianças se agradavam. A professora conseguiu trabalhar vários temas aproveitando um simples jogo.

Qual é o seu nome?

Michele da Silva Ferreira.

Idade?

Vinte e três anos.

Curso?

Pedagogia.

Qual período você cursa?

9º período (em continuidade), aliás, deveria ter terminado no 8º, mas estendi mais esse período.

Em que trabalha?

Eu trabalho na parte da tarde como intérprete de Libras (língua de sinais) e à noite como professora bilíngüe em uma turma de EJA (educação de jovens e adultos).

Qual é o seu horário de trabalho?

De uma as cinco e meia (13h às 17h30min) no horário da tarde e de seis as nove (18h às 21h) no horário da noite.

Onde fica?

Na cidade de Marica.

Qual é o seu horário de estudo?

É o horário que eu chego em casa, depois das nove e meia da noite (21h30min), e aos finais de semana quando sobra um tempinho.

Onde você mora?

Na cidade de Rio Bonito. **Eu pensei que você morasse em São Gonçalo!**

Não, Moro lá mesmo.

Qual foi a sua formação no ensino médio?

Fiz curso normal (formação de professores), na cidade de Rio Bonito mesmo.

É casada? Tem filhos?

Não! Ainda não! **Solteiríssima?** Não ! Namorando.

Porque escolheu fazer pedagogia?

Por identificação mesmo, como eu já fiz formação de professores, então me identifiquei muito e escolhi pedagogia por noção mesmo e identificação com a profissão.

Como você consegue conciliar trabalho, estudo, família, vida religiosa etc.?

Há, com muita força de Deus e força de vontade também. É bem complicado, é muito cansativo às vezes pra estar me dedicando e me dividindo em várias, acaba sendo bem complicado, e aí aos poucos, o que eu faço é puxar menos disciplinas pra tentar estar me dedicando a todas. Enfim, poder estar tendo uma formação realmente válida, porque não adianta eu me dedicar só ao trabalho e deixar meio que a formação de lado. Então, eu tento é compensar. Não sei se é exatamente assim, mas puxar menos disciplinas fica menos cansativo também. **Por isso que você não vem todo dia à faculdade?** Agora não, agora eu só venho três vezes na semana, pela manhã, mas já teve uma época em que eu vinha todos os dias de sete ao meio dia (7h às 12h) e ainda ia para o trabalho, esse período era bem mais cansativo. **É o meu caso!** E ainda mais como professor, que você sabe que não trabalha somente na escola, você tem que realizar atividades diversificadas de acordo com a demanda do seu grupo.

Porque você trabalha?

Por necessidade também, quer dizer, não tenho tanta necessidade é mais pela oportunidade que eu tive. Nessa área de trabalho com surdos a carência de profissionais é muito grande. Então, eu comecei por oportunidade e também por necessidade pra não ficar também totalmente dependente de meus pais, até mesmo como uma forma de ficar me mantendo, mesmo que ficaria puxado mais eu preferi pra ter uma certa independência financeira também.

Por que você acha que os alunos, principalmente do curso de pedagogia precisam trabalhar?

Eu acho que é assim, a clientela de pedagogia é de alunos que fizeram formação de professores, de certa forma já entra meio que na área, então, eu observo colegas que eu convivi esse tempo, é que a maioria deles eram professores e já trabalhavam na área. Então, as outras áreas demandam assim talvez por ter o ensino médio mais profissionalizante. Eu acho que no curso de pedagogia a clientela é mais assim, já são professores, e a maioria deles já trabalham.

Quais são os desafios que você encontra para conciliar trabalho, estudo e família?

Eu acho que é às vezes combater a ansiedade, o estresse e a pressão psicológica que você acaba tendo, ainda mais agora em final de curso, você tem que dar conta da monografia, você tem que dar conta de várias disciplinas e são vários trabalhos ao mesmo tempo. E aí, que geralmente bate com o final de semestre na escola, que é onde no meu caso você tem que dar conta de prova, você tem que está meio que suprindo aquelas exigências que a escola coloca pra você. Então eu acho que os maiores desafios são esses, e para mim ainda tem a questão da distância do município de São Gonçalo para Rio Bonito que é quase uma hora e meia, três horas praticamente por dia pra vir à faculdade, então o cansaço físico e mental às vezes também é um grande desafio. Sabe, você chegar em casa depois de um dia todo de trabalho, três turnos direto, e ainda ter que dar conta de mil coisas...Eu acho que o maior desafio é estar dando conta disso tudo.

Você conta com alguém pra te ajudar?

Diretamente nas atividades, não. Apoio da minha família, sempre! Sempre me incentivaram, agora ajuda em termos das minhas atividades, não, só eu.

O que na sua opinião deveria acontecer no curso de pedagogia para melhorar a vida de quem trabalha?

É até complicado, porque tem a questão do que têm que ser cumprido burocraticamente, os horários e a carga horária de cada disciplina... De certa forma agente tem que cumprir currículo. Então assim, é bem complicado por causa da questão burocrática da própria

universidade, mas acredito que uma maior articulação de horários talvez, um oferecimento maior de horários e de disciplinas, porque às vezes você quer fazer uma disciplina e encontra em um horário da manhã ou em um horário à tarde, um horário que você sabe que não dá pra você fazer porque tem que sair correndo da faculdade para o trabalho, então, eu acredito que o oferecimento de disciplinas em outros horários... porque às vezes você quer fazer uma disciplina, mas só é oferecida em um horário e não dá pra você fazer, então, eu acredito que uma maior articulação de horários de disciplinas ajudaria muito.

O que você pretende fazer quando terminar a faculdade?

Descansar um pouco, e já penso em talvez emendar uma pós-graduação e mestrado, porque por mais que seja agitado eu também não conseguiria ficar sem estudar, entendeu? A questão de estar exercitando a formação continuada também, pois é necessário você estar sempre se atualizando, descansar a princípio, e depois estar emendando no mestrado.

Obrigada Michele! Mas eu acho que essa questão de oferecerem mais horários é muito boa. Acho que é a única possibilidade porque o nosso curso é o único que não têm tantas disciplinas a noite, agora é que, graças a Deus eu pude escolher entre duas eletivas de manhã, pois até então não tinha, então, eu tive que deixar por último. **É, chega uma hora que você não tem como fazer, você tem que optar, ou faz as matérias obrigatórias ou eletivas. Como as obrigatórias são obrigatórias...** É verdade.

Qual é o seu nome?

Eliane Figale Soares.

Curso?

Pedagogia, 7º período.

Em que trabalha?

Telemarketing.

Em que empresa?

Sam's Club, Barreto, Niterói.

Qual o seu horário de trabalho?

De treze às dezenove e trinta (13h às 19:30h).

Qual o seu horário de estudo?

De sete ao meio dia e vinte (7h às 12:20h)

Qual a sua formação no ensino médio?

Técnicas contábeis.

É casada?

Não, também não tenho filhos!

Porque escolheu fazer Pedagogia?

Porque eu passei logo de primeira, eu também tentei Ciências Sociais e não passei, então fiz Pedagogia. Eu acho que tem mais ou menos haver, alguma coisa, não sei...

Como você faz para conciliar trabalho, faculdade, vida pessoal, religião, isso tudo?

É muito difícil conciliar, para quem trabalha é um sacrifício, porque eu saio daqui meio dia e vinte pra chegar no serviço às treze horas (13h), tenho que sair correndo pra chegar no serviço no horário certo.

Porque você trabalha?

Porque se eu não trabalhar não têm condições, meus pais não têm condições de suprir minhas necessidades, vamos dizer assim. E eu tenho que trabalhar, pois eu que me banco, compro minhas roupas, pago a passagem pra vir estudar, se eu não tivesse o Rio card seria impossível vir para faculdade, porque a faculdade é pública, mas as xerox a gente tem que pagar, além de passagem, lanche, tudo isso.

Por que você acha que os alunos do curso de Pedagogia precisam trabalhar?

Eu acho que pelos mesmos motivos que eu, acho que a maioria das pessoas precisa trabalhar, têm pessoas que não precisam, os pais bancam, acho até que é a maioria, visto que na faculdade pública são tantas coisas que vão contra, tantas coisas que dificultam a permanência

de quem trabalha que têm pessoas que até desistem, preferem ficar só trabalhando porque não tem condições de ficar só estudando.

Quais são os maiores desafios que você encontra para estar conciliando tudo isso, trabalho, faculdade, família e vida pessoal?

Acho que o tempo mesmo, o tempo! O cansaço físico... Você estuda, trabalha, é uma correria, você não tem tempo pra estudar para as provas, tem que usar as madrugadas pra estudar, não tem tempo pra sair, ou você sai ou estuda. **Tem que abrir mão mesmo!** Tem! Tem sim.

Você conta com alguém para te ajudar a conciliar tudo isso?

Deus! Só ele.

Você pensa em trabalhar na área?

Até penso! Mas eu fico assim, acho que insegura, a faculdade só dá mesmo uma noção, só mostra mais ou menos o que é, você só vai saber mesmo como vai ser depois que começar a atuar, mas eu penso sim, não sei se trabalhar como professora, mas o negócio é ver se na hora que eu estiver lá se vou continuar ou não.

Na sua opinião o que deveria acontecer no curso de pedagogia para melhorar a vida de quem trabalha?

Acho que deveria ter um horário mais acessível para as pessoas que trabalham porque só tem horário manhã e tarde, e à noite não tem. Era necessário que tivesse Pedagogia no horário da noite porque até eletiva só tem manhã ou tarde, poucas à noite para quem trabalha, fica difícil em tudo. Você vai se formar, mas não vai se formar no tempo que deveria, sempre vai demorar mais tempo porque não tem como fazer as eletivas que são oferecidas no horário da tarde tinha que ter à noite. As eletivas deveriam ser oferecidas à noite, ou melhor, nos três horários, pois é complicado para todo mundo que trabalha. Quem trabalha de manhã estuda à tarde, quem trabalha à tarde estuda de manhã e quase não têm eletivas de manhã. Que horário vai fazer eletivas? Seria ideal para quem trabalha ter o curso de Pedagogia à noite.

O que você pretende fazer quando terminar o curso de Pedagogia?

Olha, não sei ainda! É o que você perguntou anteriormente se eu ia trabalhar na área, eu pretendo fazer concursos, pretendo a princípio, o que eu tenho em mente é fazer concursos, fazer Mestrado ou coisa desse tipo, trabalhar na área ou então buscar alguma coisa no ramo. **Especialmente o quê? Sala de aula, por exemplo?** Pois é, aí que é a questão, eu até penso em sala de aula, mas não sei se eu vou saber lidar com as crianças em sala de aula, talvez eu tente ficar na área de coordenação, não sei ainda. Apesar de estar no 7º período eu não sei, eu acho que a maioria dos alunos pensa assim também. Eu não pretendo dar aula pra criança porque é assustador quando a gente vai pro estágio é vê aquelas crianças pulando, gritando, deixando a professora louca, dá um pouco de medo, assusta um pouco.

Obrigada Eliane! Doeu?

Não. Mas é complicado pra gente que trabalha porque a gente tem outras coisas pra fazer, você não pode ir a certos passeios, você não pode participar dos encontros que acontecem na faculdade que te dá certificado de horas... Quer dizer, você está sempre meio que excluído.

Qual é o seu nome?

Paulo Coutinho de Abreu.

Qual a sua idade?

Cinqüenta e um anos.

Curso?

Pedagogia.

Que período?

De origem é 6º, mas tem matéria que eu estou no quarto, no sétimo, depende, eu fiz o meu horário de acordo com o meu horário de trabalho.

Em que você trabalha?

Eu trabalho no comercio, bar, balcão.

Onde fica?

Fica na trindade, São Gonçalo. **É seu o bar?**

Não, mas eu sempre trabalhei ajudando, agora eu tenho o arrendamento e estou testando, é meu e não é, porque eu pago uma parte em cima dos lucros, eu estou só administrando.

Qual o seu horário de trabalho?

Ah, segunda feira é minha folga da faculdade, aí eu pego às oito horas e largo às onze horas... Meia noite, uma hora da manhã, depende do movimento, e na terça eu largo oito horas. Eu deixo uma pessoa lá, minha esposa ou meu filho e venho à faculdade correndo e volto pra lá agora correndo e dispenso eles, pois meu filho tem que ir para o curso, minha esposa trabalha também fazendo serviço de rua e de casa, aí fica uma correria e eu não tenho assim hora de largar do trabalho, às vezes eu largo onze horas, dez horas... Feriado eu trabalho, domingo eu trabalho. Olha, tem domingo que eu vou até uma hora, três horas, têm uns que eu vou até sete horas.

Qual o seu horário de estudo?

É o que eu estou te falando, é difícil pra caramba pra mim, eu tenho que sair agora... Hoje é terça feira, foi uma dificuldade pra eu sair porque eu abri a loja e tinha que passar algumas coisas pra eles antes de sair porque tem vendedor pra chegar, tem entrega, aí eles ficam me monitorando pelo celular, às vezes eu até desligo pra eles se virarem também, mas é difícil, muito difícil pra mim, eu já tentei fazer umas matérias à tarde, mas não deu. Eu já abandonei o período, voltei porque eu sinto falta de estar num local assim, assistido uma aula como a de hoje (psicologia social) muito interessante, o trabalho que meu grupo apresentou sobre ideologia, que foi muito bacana também acrescentou muito pra mim porque eu trabalho em um local que às vezes, queira ou não, eu sou formador de opinião, às vezes eu sinto que interfiro na subjetividade dos outros. Queira ou não eu sou formador de opinião trabalhando direto com o público, e eu acho que a faculdade me ajuda muita coisa, me deu um tempinho pra ler (que trabalhando eu não consigo). Eu venho no ônibus lendo os textos, minha vida é uma correria, mas uma correria que eu acho necessário pra mim agora. Eu já abandonei a faculdade, pensei: “Ah! Eu não vou voltar não, eu já não estou mas na idade de ficar testando

o que eu quero e o que eu não quero, mas eu senti muita falta, não sei se vou até o final, é como eu estou falando, é muito difícil pra mim, mas só eu é que sei os contras: Mulher, filhos, já tenho netos...Quer dizer é muito difícil, é difícil pra caramba. **É, mas você vai até o final sim.** Não sei não! **Se você saiu e sentiu falta!** Ah! eu senti muita falta. **Então, se você sentiu falta é porque alguma coisa aqui faz você se sentir diferente, acho que até a questão da aula de hoje sobre subjetividade...** É, eu achei muito interessante. É interessante, a gente vai percorrendo as matérias e eu acho que tem certas coisas, por exemplo, que a gente está vivendo no dia a dia e não percebe, quando eu peguei o trabalho de Ideologia...Eu gostava muito de Cazusa, gosto ainda, aí ela (profª Mariza) disse: O grupo de vocês pegou o tema Ideologia, era tudo que eu queria, eu falei pra ela que tinha assistido uma entrevista com Cazusa quando ele saiu do Barão Vermelho, ele falando sobre a vida dele e depois eu viu outra entrevista com ele, onde Marília Gabriela perguntava sobre seus heróis, quem são seus heróis e ele citou os nomes de vários e disse que esses heróis faziam parte de sua ideologia, essa é a razão da música ideologia.

Quando eu entrei no curso de pedagogia foi pra dar uma injeção de ânimo nos meus filhos, eles estavam naquela de não querer estudar, aí eu peguei o material deles, do meu sobrinho e comecei a estudar, e eu gosto de ler, comecei a relembrar!No bar vai um pessoal que é mudo e surdo e eu me interessei em aprender, aí um dia eu falei pro meu colega que queria aprender Libras para me comunicar com eles e até pra poder dar aula pelo menos pra uma média de quatro ou seis pessoas, não quero cair numa sala de aula e dar aula pra mais gente do que isso, pois não me sinto preparado ainda, mas eu entrei no curso de Pedagogia mesmo pra dar ânimo aos meus filhos, pensando: Se eu não gostar eu saio e adorei o primeiro período, o segundo foi muito bom, o terceiro já foi mais pesado porque o pessoal que entrou comigo foi pra outras turmas e eu fiquei sem ambiente, até mesmo pela minha idade e pelo meu sexo, porque é um curso, não é exclusivo, porque tem sala aí que tem sete homens, mas na aula de Psicologia só tem eu de homem, pelo menos freqüentando, quer dizer, eu vim de escola muito rígida, no meu primário, era menina de um lado e menino de outro. **Era escola pública?** Não, porque naquela época não me aceitavam por causa da minha idade, eu tinha seis anos e meu irmão sete, quando eu fui pra escola eu já estava praticamente alfabetizado, já sabia escrever meu nome, sabia contar, já sabia um montão de coisas em relação aos outros meninos. **Sua mãe trabalhava fora?** Não, minha mãe só trabalhava em casa mesmo, meu pai que trabalhava fora, mas qual foi à pergunta mesmo? Acho que estou fugindo do foco. **Foi sobre seu horário de estudo, qual o seu horário de estudo?** Atualmente? **É.** Atualmente turno manhã só.

E a sua formação no ensino médio, seu segundo grau, foi em que área?

Fiz segundo grau normal. Falo normal e a pessoa pensa que eu fiz formação de professores, não, eu fiz o segundo grau comum mesmo (formação geral).

Você é casado, tem filhos?

Sou casado, tenho três filhos porque quando eu fui morar com a minha mulher ela já trouxe um de três anos, comigo nós temos um casal. O filho que ela trouxe que seria um contra peso é mais meu parceiro do que meu próprio filho. Ele se preocupa muito comigo. Meu filho está com dezoito anos, está naquela época de rebeldia, acha que sabe tudo, não sabe o que quer ainda, parou de estudar, voltou agora também... Minha intenção é incentivar os dois porque o mais velho tem a profissão dele, não tem muito estudo, mas está legal.

Por que você escolheu fazer pedagogia?

Porque eu escolhi está fazendo o curso de Pedagogia? Minha filha fazia o curso normal e estava abandonando na época, meu irmão mais velho é professor, o abaixo de mim é professor também, de Matemática, o mais velho é Sociólogo, tenho três cunhadas professoras, tenho

primos, minha família tem muito professor e eu gosto dessa área. Eu falei que vim de uma escola repressora pra caramba, aí isso reflete em mim até hoje. Minha esposa fala: “Ah, você deve falar pra caramba na faculdade!” Não, lá é diferente! Aí, eu volto à aula da profª Mariza, quando ela pergunta: Quem é você? Eu respondo que sou Paulo. Ela pergunta? Você é sempre Paulo? Não, aqui na faculdade eu sou Paulo, lá onde eu moro eu sou Paulinho, aqui têm pessoas que me conhecem como Paulinho, quer dizer, voltando para as aulas, o trabalho de identidade... Eu tenho uma identidade lá, isso não foge da minha personalidade, que é a mesma, mas a minha identidade aqui... Às vezes eu conversando com meus amigos eles falam que eu vou ser um bom professor por ter um bom papo, uma boa retórica, mas isso é aqui no meu trabalho que parece que eu sou o dono, eu me sinto mais à vontade (é acho que que estou fugindo das suas perguntas, não estou? **Não, pode falar a vontade está dentro do contexto!**).

Eu não conheço os outros cursos de Pedagogia, eu converso até com o pessoal que faz Pedagogia na UNIVERSO, mas eu acho, não vi a nota que tirou no ENAD, tem gente que não acha, mas eu acho que é um curso excelente! **Eu também.** Prática, você só vai ter mesmo quando entrar em campo, mas nas partes teóricas... até nos seminários... Eu aprendi a falar nos seminários no meu primeiro período, foi muito difícil falar eu não dormia em véspera de seminário eu ficava muito nervoso, agora eu estou me soltando mais, depende da turma também, às vezes você pega uma turma com grupinhos fechados, eu acho muito importante, não é porque eu me acho fora do contexto não, eu acho que a faculdade, assim como qualquer meio social tem os grupinhos que se identificam, às vezes eu fico de fora, às vezes outras pessoas ficam de fora, mas eu acho que em qualquer meio social isso é normal.

Como você consegue conciliar estudo, trabalho, família, vida pessoal, vida espiritual?

Minha vida pessoal: Eu estou meio sem tempo, estou meio sem tempo, mas na vida social eu não sou de sair muito, minha esposa também não é de sair muito, eu não tenho uma vida pessoal assim festiva, eu sou muito família, geralmente eu ligo para os meus irmãos e a gente se reúne na casa do meu pai e nós somos seis irmãos, convidamos os amigos mais chegados aí a gente faz um churrasquinho, rola um debate... Esse final de semana mesmo nos reunimos e convidei um primo meu que é professor também e sempre surgiu algum assunto da faculdade ou da escola que eles dão aula, é um aluno que apronta. Meu irmão mais velho é Sociólogo e esta quase se aposentado, o mais novo que é professor de matemática está no auge e às vezes ele pega até alguns textos meus sobre a democratização da escola, ele é muito atualizado, muito falante e fez muitos amigos e na hora do almoço todo mundo conversando e esse meu primo que é formado pela UFF não falava nada, não opinava nada e meu irmão que é sociólogo ficou incomodado com o silêncio dele, já surgiram vários assuntos e ele não esboçou nenhuma opinião, estava apagado, eu estou até com vontade de ligar pra ele pra saber se ele está com algum problema, acho que eu fugi da pergunta de novo. **Não tem problema.**

Por que você trabalha Paulo?

Porque eu tenho que me manter, alimentação, passagem, educação dos filhos...

Porque os alunos do curso de Pedagogia precisam trabalhar?

Eu acho que pra se manter mesmo, tem gente que não trabalha, tem gente que fica na faculdade o dia inteiro, mas usufruindo o espaço, somente o espaço que não são muito educativos, é parado nos corredores com amizade, não é frequentador de biblioteca, não participa dos eventos... Eu queria aproveitar mais a faculdade, participar dos eventos, mas devido a minha idade e do meu tipo de trabalho não dá.

Quais são os maiores desafios de estudar, trabalhar, ter família e ter vida pessoal?

Pra eu entrar na faculdade eu enfrentei um monte de desafios, fora os engraçadinhos que falam: Pra onde você vai, você está velho pra estudar, aí quando eu entrei no curso, conversando com um amigo perguntei a ele: Será que eu estou tirando a vaga de alguém? Pois eu queria fazer vestibular pra incentivar meus filhos, aí meu amigo me falou: Claro que não cara! Se o camarada mais novo que você tivesse tirado uma nota melhor que a sua e você tivesse sido colocado pela janela tudo bem, mas você está competindo de igual pra igual, aí eu pensei, depois que eu entrei pra faculdade eu vejo pessoas que realmente estão empatando, troca de curso, vários anos na faculdade, não que eu tenha nada contra o C.A (Centro Acadêmico), acho legal se as pessoas que tivessem lá trabalhassem, têm pessoas que trabalham, não podemos generalizar.

Você conta com alguém para conciliar isso tudo?

É, com minha esposa, ela me ajuda muito, tem hora que a gente bate de frente por ela achar que eu não reconheço que ela me ajuda, por eu não ficar toda hora falando que ela me ajuda, é uma coisa chata, mas ela me ajuda muito, muito mesmo.

Você pensa em trabalhar na área de pedagogia?

Eu penso em trabalhar sim, por trás da cortina se tiver uma folguinha até entrar na sala de aula porque eu gosto. Ontem eu estava conversando com um amigo que faz enfermagem na UFF, o cara é muito batalhador também está com quarenta anos e me emprestou um monte de material, ele entrou na UFF nessa prova que tinha três vagas, ele já estava no terceiro ou quarto período de enfermagem na UNIVERSO, o dinheiro não dava, ficava devendo, e ele é um cara muito de ir na diretoria pedir um favor, só que ele estuda muito, às vezes fica até uma hora da manhã, duas horas, três horas e ele tem um problema muito grande, ele é da igreja Adventista do Sétimo Dia e ele não podia trabalhar no sábado e o estágio remunerado que ele arrumou o plantão caiu de sexta pra sábado e ele tinha que pagar alguém pra ficar no lugar dele, isso mais de três vezes por mês, ele me falou que estava se ferrando e eu falei: Cara você quer ser médico? E ele disse: Paulo eu adoro a área da saúde e eu disse que adoro a área da educação. Eu só sou um cara pesquisador, já tenho muita coisa escrita sobre pedagogia na capoeira que um amigo meu é professor e eu já participei de um grupo de capoeira quando eu era jovem e nesse dia agente estava conversando e ele estava fumando, veio um aluno dele e ele escondeu o cigarro para não dar mal exemplo. Ele disse que adora trabalhar com criança, o respeito é maior, só está ali quem quer, na escola é diferente, a criança é obrigada a ir. Hoje eu estava lá no bar e chegou um menino filho da vizinha, a mãe trabalha e ele mata aula, ele é muito inteligente, o que ele tem de rebelde ele tem de inteligente, mas ele briga muito na escola, já foi quase expulso, na rua ninguém gosta dele, aí eu falei cara o que você tá fazendo aí que não foi pra escola? —É porque não teve aula. Eu disse: Como não teve aula rapaz, claro que teve aula, aí ele disse que estava sem lápis, eu dei um lápis, uma borracha e um apontador pra ele e um freguês deu uma lapiseira que ele achou bonita, mas não foi pra escola e eu falei pra ele que na escola dele têm atrativos. Eu mostrei ao meu colega as coisas que eu tenho escrito sobre pedagogia na capoeira e ele me convidou para ir um dia lá assistir as aulas, mas por causa do meu serviço não dá. Se eu pedir pra minha esposa ficar no bar não vai dar certo, ela vai achar que eu vou me divertir e deixá-la trabalhando, por isso que agente bate de frente de vez em quando, e o professor por ser um formador de opinião tem que se preocupar muito com isso, eu mesmo tive um professor que era alcoólatra e chegava na segunda feira com o cabelo arrepiado de tanto porre, ele era alcoólatra mesmo.

O que você acha que poderia acontecer no curso de pedagogia que poderia melhorar a vida de quem trabalha?

Eu acho que a gente fala tanto de avaliação, na avaliação você vê que eles dão avaliação diagnóstica de conhecer o aluno, cada um tem uma visão, e agente fala muito na pedagogia que o professor conhece o aluno, as dificuldades, e eu acho que na universidade eles não tem sabido, eles pregam pra gente uma avaliação justa, eu acho legal o cara ser jubilado, perder a vaga dele, pois um curso que deve ser feito em oito período o cara fazer em dez, mas no meu caso que tem que conciliar o curso com sete matérias, puxar quatro para poder conciliar o meu trabalho a minha família, divertimento, eu quase não me divirto, é muito texto pra ler, eu gostava de ler jornal todo dia, hoje eu não consigo ler jornal todo dia, eu gosto de ler jornal no domingo, esse domingo eu não conseguir ler o jornal, ou eu leio o jornal ou leio o texto, mas eu acho que na universidade tinha que ter uma pessoa pra avaliar meu caso e outros casos. No meu caso eu abandonei um período porque eu estava com muitos problemas em casa, no trabalho. Meus filhos estão crescendo e eu não participando de quase nada dos meus filhos, foi muito difícil e ainda tive uma reprovação, tive que abandonar e ainda tive uma reprovação, mesmo meus colegas falando que eu estava com problemas a maioria me reprovou por falta, eu não sei o que isso vai acarretar no CR caso eu precise de uma nota alta, tem muita coisa aqui na faculdade que eu não conheço ainda. Eu acho que os professores deveriam conhecer mais seus alunos, ver quem é quem, quem não quer nada, quem quer alguma coisa pra avaliar. Você entra no aluno on line e vê, faltam tanto dá um friozinho na barriga, aí você vai ao departamento pra se informar e não consegue informação, eu tive problema na minha inscrição no segundo período e tive que ir ao Rio resolver, perdi um dia de trabalho, sacrifiquei outras pessoas e não consegui resolver, sei lá eu acho que deveria ter uma pessoa pra avaliar cada caso, apesar de ser difícil porque sempre vai ter uma pessoa que vai dizer que você está beneficiando uma pessoa, e têm regras, mas eu acho que pra gente usar uma avaliação diagnostica eles deveriam usar isso na universidade também. No outro dia eu levei um elogio por não ter nenhuma falta, eu não sou de faltar, mas eu acho que deveria ter uma pessoa pra avaliar, que avaliasse mesmo. Quando entrou a Diretoria nova foi prometido muita coisa, e até agora nada aconteceu. Eu sei que é difícil, mas tem que ter um jeito, uma pessoa no departamento de educação tem que avaliar as pessoas com problemas como os meus.

O que você pretende fazer quando terminar o curso de pedagogia?

Ah, eu estou com uns planos escritos, mas não sei se vou fazer a vida da gente muda tanto... Quando eu entrei pra faculdade eu tinha um plano de partir pra uma área que eu tivesse mais tempo pra mim, até mesmo de lazer, tempo pra mim mesmo, mas o serviço que eu arrumei não pagava o suficiente pra eu manter minha família, e eu preciso ajudar meus filhos.